

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

OSVALDO CIPRIANO DA SILVA FILHO

EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA EM CÉLULAS:
ANÁLISE CRÍTICA DA CONCEPÇÃO DE ENSINO NO MODELO DE
TREINAMENTO DO MINISTÉRIO IGREJA EM CÉLULAS NO BRASIL

São Leopoldo

2010

OSVALDO CIPRIANO DA SILVA FILHO

EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA EM CÉLULAS:

ANÁLISE CRÍTICA DA CONCEPÇÃO DE ENSINO NO MODELO DE
TREINAMENTO DO MINISTÉRIO IGREJA EM CÉLULAS NO BRASIL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária Com Infância e
Juventude

Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

Segunda Avaliadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586e Silva Filho, Osvaldo Cipriano da
Educação cristã na igreja em células: análise crítica da concepção de ensino no modelo de treinamento do Ministério Igreja em células no Brasil / Osvaldo Cipriano da Silva Filho ; orientadora Laude Erandi Brandenburg ; co-orientadora: Gisela Isolde Waechter Streck . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

137 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Igreja Presbiteriana – Educação. 2. Educação cristã. 3. Trabalho de grupos na Igreja. I. Brandenburg, Laude Erandi. II. Streck, Gisela Isolde Waechter. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

OSVALDO CIPRIANO DA SILVA FILHO

EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA EM CÉLULAS:

ANÁLISE CRÍTICA DA CONCEPÇÃO DE ENSINO NO MODELO DE
TREINAMENTO DO MINISTÉRIO IGREJA EM CÉLULAS NO BRASIL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária Com Infância e
Juventude

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - Escola Superior de
Teologia

Gisela Isolde Waechter Streck - Doutora em Teologia - Escola Superior de
Teologia

AGRADECIMENTO

A meu Deus, o Senhor dos céus e da terra, por tudo, a quem dedico este título de mestre.

À minha esposa, pela dedicação e grande paciência, e aos meus queridos filhos Alessandro e Renata, pelas suas complacências em relação às minhas ausências.

À minha orientadora, Profa. Dra. Laude Erandi Brandenburg, pela dedicação, amor e esmero com os quais me orientou, contribuindo para a qualidade desta produção acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise da concepção de ensino da Igreja em Células, à luz do modelo de Ralph W. Neighbour Jr., adotado pelo Ministério de Igrejas em Células no Brasil, sob a perspectiva da formação cristã continuada na fé da Igreja Reformada. A visão da Igreja em Células é de que a estrutura e os valores da igreja tradicional não observam o modelo de igreja do Novo Testamento. Em “novo odre”, a educação perdeu a importância, e o ensino, em sua concepção pedagógica, voltou-se a ciclos de estudo e treinamento chamados de “trilhos” e “finais de semanas”, para formação de discipuladores e líderes, com foco na multiplicação das células e crescimento da Igreja. A escola bíblica, nesse ambiente, perdeu a importância, e a formação continuada na fé foi descaracterizada. O membro tornou-se apenas reproduzidor de si mesmo. Neste estudo, adotou-se o método de pesquisa bibliográfica a partir da revisão das principais obras sobre o assunto, com ênfase na exploração das fontes existentes sobre o conteúdo em exame. O trabalho está estruturado em quatro partes. A primeira parte aborda panoramicamente a educação cristã a partir da reforma protestante, destacando os aspectos históricos gerais da formação cristã da Igreja Presbiteriana do Brasil. A segunda parte incursiona pelo conceito de educação cristã e pelos aspectos teóricos dos Quatro Pilares da Educação. Tais concepções teóricas alinham-se à proposta pedagógica de ensino cristão da Igreja Presbiteriana do Brasil, como identidade de escola calvinista a partir de seu fundamento evangélico. Na sequência, aborda a escola bíblica como práxis pedagógica de formação cristã na igreja tradicional, destacando a Presbiteriana, com ênfase na educação como ministério da Igreja. A Terceira parte analisa a concepção pedagógica adotada pela igreja em células à luz da práxis de ensino cristão concebido por Neighbour Jr. e adotado pelo Ministério Igreja em Células no Brasil. O exame parte do estudo da formação da igreja em células e dos pressupostos eclesiológicos e teológicos. A quarta e última parte examina o estudo da práxis instrucional dos trilhos de treinamentos de discipuladores e líderes na Igreja em Células. Em seguida, apresenta as características e as considerações críticas do exame realizado e sugestão de proposta de modelo pedagógico de formação cristã continuada na fé para igrejas tradicionais que migrem para o modelo de igreja em células, cuja concepção privilegia a formação de discipuladores e líderes. Conclui-se no sentido de que a prática pedagógica da igreja em células não é um instrumento de educação cristã continuada e integral na fé. Não visa tratar o indivíduo e formá-lo como um todo para a vida e atua na desconstrução da escola bíblica.

Palavras-chave: Educação cristã. Igreja em Células. Escola Bíblica. Formação continuada e integral na fé.

ABSTRACT

The present research aim to analyze the conception of teaching of the Cell Church, according to Ralph W. Neighbour Jr.'s model, used by the Cell Church Ministry in Brazil, under the perspective of the continuous Christian education in conformity to the faith of the Reformed Church. The understanding of the Cell Church is that the structure and values of the traditional church do not observe the church model of the New Testament. In a "new leather bottle" the education lost its significance and the teaching, in its pedagogic conception, returned to the study cycles and training, named "trails" and "weekends", to the formation of leaders and disciple makers, concentrating the forces on the multiplication of the cell and in the growth of the church. In this environment, the biblical school lost its significance and the continuous education on faith was uncharacterized. The member became just a self reproducer. In this study the method of bibliographical research has been chosen starting from the reading of the main works on the subject, emphasizing the exploration of existent sources on the content. The present study is structured in four parts. The first part approaches widely the Christian education starting from the Protestant Reform, highlighting the general historical aspects of the Christian formation of the Presbyterian Church of Brazil. The second part walks through the concept of Christian education and the theoretical aspects of the Four Pillars of Education. Such theoretical conceptions join to the pedagogic proposal of Christian education of the Presbyterian Church of Brazil as identity of Calvinist school starting from its evangelical foundation. As too approaches the biblical school as pedagogic praxis of Christian formation in the traditional church, featuring the Presbyterian Church and the education as Church Ministry. The third part analyzes the pedagogic conception adopted by the cell church according the Christian education ideated by Neighbour Jr. and used by the Cell Church Ministry in Brazil. The research starts from the Cell Church formation and ecclesiological and theological presuppositions. The fourth and last part the study analyzes the formation praxis of training and disciple makers' "trails" by the Cell Church. The last part also presents the characteristics and critics of this research and the proposal of pedagogic model of continuous Christian education on faith for traditional churches which decide to migrate to the cell church model whose conception privileges the disciple makers' and leaders' formation. The present study concludes that the pedagogic praxis of the cell church is not an instrument of continuous and integral Christian education on faith. It does not seek to treat the individual and prepare him or her for living and it acts in the deconstruction of the biblical school.

Keywords: Christian education. Cell Church. Biblical school. Continuous and integral education on the faith.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ. 13	
1.1 Na Reforma Protestante.....	13
1.2 Após a Reforma Protestante	17
1.3 Na Igreja Presbiteriana.....	20
1.3.1 Breve histórico: os reformados.....	21
1.3.2 Formação cristã presbiteriana.....	25
2 EDUCAÇÃO CRISTÃ: ASPECTOS GERAIS	29
2.1 Definição	29
2.2 Os Quatro Pilares da Educação	31
2.2.1 Aprender a conhecer.....	32
2.2.2 Aprender a fazer	33
2.2.3 Aprender a viver juntos	34
2.2.4 Aprender a ser	36
2.3 Escola Bíblica: Práxis Pedagógica de Formação Cristã.....	37
2.3.1 Objetivo.....	38
2.3.2 Educações continuada e integral	38
2.3.3 Ministério da Igreja.....	39
3 FORMAÇÃO CRISTÃ NA VISÃO PEDAGÓGICA DA IGREJA EM CÉLULAS.....	43
3.1 Igreja em Células.....	43
3.1.1 Origem	43
3.1.2 O que é Igreja em Células	46
3.2 Eclesiologia e Teologia: pressupostos	47
4 PLANO PEDAGÓGICO DE ENSINO E FORMAÇÃO NA IGREJA EM CÉLULAS	56
4.1 Práxis formativa: Trilhos de Treinamento	57
4.1.1 Dos aspectos taxionômicos.....	57
4.1.2 Apresentação.....	60
4.2 Formação de líderes.....	67
4.3 Considerações acerca da análise realizada	68
4.4 Proposta de modelo pedagógico	76
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	82
ANEXO A: Modelo pedagógico de Escola Bíblica Dominical da Primeira Igreja Presbiteriana de Taguatinga.....	85

ANEXO B: Modelo pedagógico de Escola Bíblica Dominical da Igreja Presbiteriana do Lago Sul.....	98
ANEXO C: Modelo pedagógico de Escola Bíblica Dominical da Igreja Presbiteriana de Manaus.....	120
ANEXO D: Diagrama do projeto pedagógico.....	134
ANEXO E: Pirâmide que ajuda ilustrar incrédulos tipo “A” e tipo “B”	135
ANEXO F: Parábola da Igreja de Duas Asas.....	136

INTRODUÇÃO

A educação é parte da vida. Surgiu com o ser humano. E sempre esteve presente nos primórdios da humanidade. É inata ao ser humano, é natural porque é da natureza humana aprender, fazer, criar e construir.

A educação como ideia, uma elaboração intelectual, uma concepção, é o combustível na formação de culturas e de saberes, propicia o desenvolvimento do ser humano e da comunidade, seja um grupo, uma tribo ou uma sociedade mais complexa. Assim, ela é de importância ímpar na formação do indivíduo, processando constante renovação de conhecimentos, formando bases, alicerces para a vida, de forma contínua e permanente. Na exigência ontológica, a educação assume o papel de formar e favorecer o crescimento da personalidade, de forma plena e contínua, corroborando para o progresso sociocultural, moral, ético e religioso do indivíduo, porquanto, enquanto ser, o ser humano sempre necessitou dela para aperfeiçoar as dimensões do corpo, da alma e do espírito, de dentro para fora.

Nessa visão, a História da Educação é a história da humanidade. Onde ela estiver, *per si*, a educação também estará. No curso da vida, a educação é marcada e construída não só pela cultura, nos aspectos antropológicos e sociológicos, mas também pela religião, com influência, sobretudo, na formação da personalidade humana. As bases da educação foram construídas, desde os tempos antigos, sob pressupostos religiosos do ser humano na busca do transcendente.

Com outro olhar, as transformações ideológicas, especialmente aquelas ocorridas na transição da era moderna para a pós-moderna, têm contribuído para a perda da visão bíblica de *paideia* por parte da Igreja contemporânea. Esse fato, possivelmente resultante do baixo crescimento vegetativo do rol de membros e frequentadores das igrejas, tão característicos nesses dois momentos, aliado às alterações dos valores morais, éticos e culturais da sociedade, e da incapacidade de deglutir tais mudanças, tem levado a Igreja a reinventar-se fora de si mesma. Nesse contexto, a evangelização, por exemplo, cuja ênfase deveria ser a de proclamar as “boas novas” da salvação genuína e transformadora do indivíduo pecador, concentrou-se no propósito de recuperar números de pessoas para encher templos vazios.

A Igreja em Células é tida como exemplo do reflexo dessa transição no seio da Igreja Contemporânea. Ela parte do pressuposto de que a Igreja Tradicional atual não segue o modelo deixado pela Igreja do Novo Testamento e que sua estrutura e valores se desviaram daqueles vividos pela Igreja Primitiva. Sob esse ponto de vista, a Igreja em Células defende o retorno do modo de vida da igreja atual à comunidade de base, alegando que “vinho novo” precisa de “odres novos”. Por isso, idealizando um novo modelo de Igreja, redesenhou a estrutura da igreja tradicional e desenvolveu um novo modelo estrutural celular ao qual denominaram de “Estrutura de Odres”. Na transição, a educação cristã perdeu sua ênfase, o ensino se voltou para a aplicação das Escrituras às necessidades básicas de alcançar o pecador e de relacionamentos entre os membros da célula e seus “oikos”. Os esforços foram direcionados para a multiplicação das células que a constituem. Em que pese esse fato, o método de evangelização adotado revela-se uma estratégia com resultados extraordinários.

Deslumbradas com tal visão, igrejas tradicionais têm migrado para o modelo em células, buscando o crescimento do rol de membros. Nesse processo, elas têm se afastado da percepção pedagógica da igreja primitiva, perdendo a centralidade e os parâmetros conceituais da *paideia* bíblica. Os ensinamentos de caráter cristão deixaram de formar o ser humano e o cidadão a exemplo de Atos 2.42. A educação cristã voltada à formação do indivíduo para a vida perdeu a importância. A pedagogia de ensino cristão tradicional foi substituída por ciclos de estudos e treinamentos chamados de “trilhos” e de “finais de semanas” ou congêneres. A Escola Bíblica perdeu a importância no contexto da Igreja em Células como instrumento de formação cristã integral e continuada dos membros. Nesse processo, a filosofia de treinamento cristão adotada pela Igreja em Células direcionou-se, basicamente, para a formação de discipuladores e de líderes, em um ciclo permanente, visando gerar indivíduos multiplicadores de células para o crescimento da igreja.

Com novos olhares, o presente trabalho tem como objetivo a análise da concepção de ensino da Igreja em Células à luz do modelo de Ralph W. Neighbour Jr., adotado pelo Ministério de Igrejas em Células no Brasil, com base na formação cristã continuada na fé da Igreja Reformada.

O método de pesquisa adotado foi o bibliográfico a partir da revisão das principais obras sobre o assunto, consultando-se os documentos primários e secundários, tais como, respectivamente, arquivos, artigos, periódicos, livros e produções acadêmicas sobre o assunto. Metodologicamente, a pesquisa se configura como documental a nível exploratório das fontes existentes sobre o conteúdo de estudo. A sistematização dos dados foi feita pela análise do conteúdo, com fichamento, por ordem de assunto, de acordo com a proposta de composição das partes do trabalho final.

O presente trabalho está estruturado em quatro seções. A primeira parte aborda, panoramicamente, a educação cristã a partir da Reforma Protestante, destacando os aspectos históricos gerais da formação cristã da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A segunda parte trata do conceito de educação cristã e dos aspectos teóricos dos Quatro Pilares da Educação baseados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors.

A proposta pedagógica do ensino cristão da Igreja Presbiteriana do Brasil, com identidade de escola calvinista a partir do seu fundamento evangélico, alinha-se à visão de educação integral e permanente recomendada no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

A terceira parte aborda a Escola Bíblica como práxis pedagógica de formação cristã na igreja tradicional, com destaque para a Igreja Presbiteriana do Brasil. Um ponto importante ressaltado nessa seção é a educação cristã como ministério da Igreja atual que foi vivida pela Igreja Primitiva.

A título de exemplo de práxis pedagógica de educação cristã na Igreja Reformada, citam-se dois modelos de ensino cristão em Escola Bíblica dominical de duas Igrejas Presbiterianas e de uma terceira Igreja Presbiteriana, que migrou para a forma de igreja em células.

A quarta e última parte analisa a concepção pedagógica adotada pela Igreja em Células à luz da práxis de ensino cristão concebido pelo pastor Ralph W. Neighbour Jr. e adotado pelo Ministério Igreja em Células no Brasil. O exame parte do estudo da formação – nascimento – da Igreja em Células e de seus pressupostos

eclesiológicos e teológicos. Em seguida, analisa a práxis instrucional dos “trilhos de treinamentos” de discipuladores e líderes da Igreja em Células.

A última parte do trabalho relaciona as características e as considerações críticas do exame realizado durante o estudo e uma proposta de modelo pedagógico de formação cristã continuada na fé para igrejas tradicionais que migrem para o modelo de igreja em células, cuja concepção privilegia a formação de discipuladores e líderes.

1 PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

É apresentada, neste capítulo, uma retrospectiva histórica da educação cristã, a partir da Reforma Protestante, abordando os eventos que mais influenciaram o desenvolvimento do ensino cristão de caráter reformado.

1.1 Na Reforma Protestante

No processo da Reforma Protestante, alguns acontecimentos históricos do século XVI propiciaram o florescimento da educação cristã. Martinho Lutero, ao enfrentar o poder político da Igreja Católica Romana, valorizou a educação do indivíduo ao resgatar os ideais cristãos. Na sequência histórica, João Calvino, insigne teólogo e professor, estabeleceu as bases da teologia do Calvinismo e sistematizou os princípios básicos do ensino cristão reformado em Genebra, que deu origem a uma das mais respeitadas universidades da Europa, a Universidade de Genebra.

Marcada por grandes mudanças no mundo do século XVI, a Renascença foi um período de grandes descobertas e invenções. Segundo Nichols, a natureza humana como que desabrochou e muitas faculdades humanas, antes adormecidas, foram despertadas. Nicolau Copérnico, ao tirar, com sua teoria, a Terra do centro do Universo e colocar o Sol, abriu novos horizontes para o estudo do Universo, e propiciou o avanço das ciências náuticas com resultados na descoberta de “novos mundos”, novos mercados, alterando, assim, a geografia mundial. A invenção da imprensa por Gutemberg (1450), aliada às descobertas marítimas, permitiu grandes empreendimentos. Esse conjunto de acontecimentos que caracterizou o período renascentista foi o catalisador do êxito da Reforma Protestante.

Na lição de Nichols, do ponto de vista cultural, o incremento no contato com a civilização greco-romana promoveu um reavivamento da cultura, até então pouco conhecida das nações europeias durante a Idade Média.¹ O pensamento clássico, a filosofia, a literatura e as artes deslumbram o povo europeu. Este fato contribuiu para a mudança de atitude religiosa da época, o Novo Testamento passou a ser lido no idioma em que foi escrito originalmente. As mentes deslumbradas e jubilosas

¹ NICHOLS, Robert H. *História da Igreja Cristã*. 11. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. p. 150-151.

fizeram estudos profundos e descobriram o ideal divino para a igreja cristã, destacando-se, segundo Nichols,² homens como Erasmo e João Colet, conhecidos humanistas.

Todos esses acontecimentos concorreram para uma grande inquietação social. No aspecto religioso, segundo Nichols, dois fatores fomentaram a agitação popular: primeiro, o ódio nutrido aos sacerdotes por causa de suas extorsões; e, segundo, a recusa dos padres em apoiar as causas das classes oprimidas. Nesse cenário de inconformismo e de grandes transformações intelectual, religiosa e política, a Reforma Protestante encontrou um ambiente propício.

Martinho Lutero, motivado por sua formação acadêmica, doutor em Teologia pela Universidade de Wittenberg, em que veio a ser professor, resgatou a instrução das Escrituras Sagradas. De acordo com Nichols, as preleções de Lutero na Universidade de Wittenberg consistiam em explicações das Escrituras e aplicação da verdade bíblica à vida de seu tempo.³

Nos primeiros anos da Reforma Luterana, a partir de 1520, os ensinamentos reformados dominaram a Alemanha. Segundo Nichols, o povo alemão passou a ter amplo acesso à Bíblia e ao ensino do reformador por meio de grande número de tratados. Lutero, por meio de seus ensinamentos, produziu em seu povo um forte reavivamento religioso. O grande desejo de Martinho Lutero era a educação dos filhos de seu povo. Por isso, conforme Nichols, as igrejas nasciam organizando escolas com ministros fiéis e instruídos.⁴

No ambiente secular, a educação tomou novo impulso com o Renascimento. Escolas e manuais para alunos e professores proliferaram. Educar, para Maria Lúcia de Arruda Aranha, “tornava-se questão de moda e uma exigência, conforme a nova concepção de ser humano”.⁵

No meio religioso, a educação cristã dos membros das igrejas tornou-se um instrumento de grande relevância para a divulgação da Reforma. Lutero, junto com Melanchthon, empenhava-se em implantar escolas primárias para todos os cidadãos da Alemanha, defendendo uma educação universal e pública, cuja criação

² NICHOLS, 2000, p. 150-151.

³ NICHOLS, 2000, p. 158.

⁴ NICHOLS, 2000, p. 162 e 166.

⁵ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006. p. 125.

acreditava ser tarefa e competência do Estado.⁶ Nessa linha, Aranha conta que “ao dar iguais condições de leitura e interpretação da Bíblia a todos, a educação tornou-se importante instrumento de divulgação da reforma”.⁷ Além disso, Lutero, de acordo com essa autora, defendia no currículo de ensino a inclusão de jogos, exercícios físicos, músicas, história, matemática.

A Reforma, sob o ponto de vista da educação, foi necessária, porque a Igreja carecia, na visão da autora Inez Augusto Borges, de uma radical transformação, “para que a educação cristã voltasse a cumprir sua missão transformadora”.⁸ Ainda segundo essa autora, na Reforma renasce a conscientização da necessidade do processo educacional para a formação da personalidade do ser humano. Para a implantação dos ideais da Reforma, era da maior importância que cada pessoa aprendesse a ler e a entender as Escrituras. Para essa autora, a educação assume um lugar de destaque. A Bíblia, mais tarde traduzida no vernáculo de cada povo da Europa, torna-se base para a alfabetização pública, especialmente na Alemanha ao ser traduzido o Novo Testamento na língua alemã. De acordo com Borges, Lutero, ao valorizar sobremaneira a educação, considerou a vocação para o ensino apenas inferior à vocação de pregador da Palavra. Assim, os ensinamentos reformados ocuparam rapidamente a Alemanha.

Aranha relata que, enquanto essa revolução religiosa e educacional ocorria na Alemanha de Lutero, a Igreja Católica reagia com a Contra-Reforma. Na área da educação, o catolicismo enveredou-se no estudo dos antigos autores greco-romanos com olhares religiosos e com o propósito de adaptá-los aos dogmas da fé. De acordo com essa autora, “estudavam Platão e Aristóteles sob o viés cristianizado de Santo Agostinho e Santo Tomás”.⁹ Nesse sentido, de acordo com essa autora, os jesuítas retomaram a visão de educação da Idade Média baseada no objetivo de desenvolver as potencialidades do ser humano, inclusive adotando o mesmo processo pedagógico medieval no mundo colonizado por Portugal, Espanha e França, especialmente durante o período do Brasil Colônia.

⁶ ARANHA, 2006, p. 127.

⁷ ARANHA, 2006, p. 126-127.

⁸ BORGES, Inez Augusto. *Educação e personalidade: a dimensão sócio-histórica da educação cristã*. São Paulo: Mackenzie, 2002. p. 44.

⁹ ARANHA, 2006, p. 134.

João Calvino (1509-1564) surge mais tarde no cenário da educação cristã reformada. Teólogo francês, ele exerceu atividade em seu país e em Genebra, na Suíça. É reconhecido, em todos os meios religiosos, que sua atuação como teólogo, escritor e professor teve um tremendo impacto tanto para a Reforma do século XVI quanto para as reformas no processo educacional, comenta Borges.

Calvino revolucionou a visão da educação cristã desde Lutero. De acordo com Wilson Castro Ferreira,¹⁰ Calvino entendeu que a Igreja não é somente uma comunidade de fé e adoração ao Senhor, mas também uma comunidade educacional, de ensino, uma escola por excelência, guiada e instruída pelo Espírito Santo. No entendimento desse reformado, a educação e a teologia andam juntas: “não há distinção ou hierarquia de valores entre o estudo de línguas, história, ciências ou religião, porque todo ensino visa o aperfeiçoamento do ser humano para o cumprimento de sua vocação”.¹¹

No campo da educação, Calvino não distinguia conhecimentos humanos tidos como sagrados e/ou profanos, “pelo contrário, todo conhecimento tende a dirigir o ser humano para a contemplação do Criador”.¹² A pedagogia calvinista visava a busca do conhecimento e a formação integral da pessoa, para melhor servir a Deus e ao semelhante. A igreja e a escola, de mãos dadas, visando bem servir ao ser humano e glorificar a Deus.¹³

Calvino, sem sombra de dúvida, tornou-se ícone organizador e consolidador da Reforma Protestante. A Igreja virou uma sala de aula, e a educação um ideal. De acordo com Wilson Castro Ferreira, Calvino compreendia a escola em um plano mais elevado, não a via apenas como ferramenta para lapidar a sociedade, mas como um meio para alcançar a finalidade da vocação humana, a glória de Deus: “por isso, cuida com carinho da educação nos seus diferentes graus, de modo que pudesse aqui na terra preparar para uma vocação que transcende às finalidades puramente terrenas”.¹⁴

¹⁰ FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*. Campinas: Luz para o caminho, 1990. p. 184.

¹¹ FERREIRA, 1990, p. 184.

¹² BORGES, 2002, p. 47-48.

¹³ FERREIRA, 1990, p. 185.

¹⁴ FERREIRA, 1990, p. 188.

Veem-se, em Lutero e Calvino, homens que buscaram incansavelmente a valorização e a sistematização do ensino. Propuseram modelos educacionais e se empenharam na implantação de escolas em todos os lugares possíveis. Na lição de Borges,¹⁵ por seus empenhos, os ideais da Reforma penetraram em todos os setores da vida humana e permearam os séculos seguintes, fazendo da educação um instrumento da graça Divina da Salvação e de humanização do ser humano.

1.2 Após a Reforma Protestante

Na sequência, será visto o rumo da educação cristão, especialmente no contexto reformado, nos séculos que se seguiram à Reforma Protestante, cujos ideais religiosos mudaram na medida em que o mundo passava por transformações drásticas, tanto culturais quanto filosóficas.

De acordo com os historiadores, no século XVII, no vigor da Idade Moderna, que se estende até 1789, data da Revolução Francesa, ocorreram grandes alterações na Europa. Inaugura-se uma nova visão de mundo fundada nas teorias políticas e econômicas do liberalismo. É o século que se caracteriza pelo cuidado com o método na filosofia, na ciência e na educação, com enorme repercussão nas teorias pedagógicas. É o tempo do método e do saber em contraponto ao dogmatismo da religião.

Segundo Aranha,¹⁶ a visão reformada de universalização do ensino elementar como forma de propagar a fé religiosa encontrou nesse ambiente um terreno propício, que, inclusive, foi de inspiração para projetos de educação pública. Na visão de Aranha, destacou-se, nesse período, João Amós Comênio (1592-1670), que tinha como proposta “ensinar tudo a todos”. Ele foi considerado o maior educador e pedagogo do século XVII. Seu principal livro é *Didática Magna*. Sua proposta era de ensinar não apenas o que tinha valor para a escola, como também o que servia para a vida. Nessa visão, tinha o propósito de buscar atingir o ideal da pansofia (do grego *pan*, “tudo”, e *sophia*, “sabedoria”), ou seja, sabedoria universal, de modo que o aluno alcançasse um saber geral e integrado, desde o ensino básico.

¹⁵ BORGES, 2002, p. 49.

¹⁶ ARANHA, 2006, p. 155.

Entendia que “só assim haveria um progresso intelectual, moral e espiritual capaz de aproximar o indivíduo de Deus”.¹⁷

O protestantismo, no ensino ainda de Aranha, a despeito de um ambiente de colonização, em que a Igreja Romana encontrou um campo promissor de propagar sua fé, não teve uma consciência missionária, ignorou o dever de cada cristão de evangelizar os demais povos, e restringiu-se ao campo europeu, preocupado com a sobrevivência. Só no século XVIII é que veio a alcançar a visão missionária.

O século XVIII é tido como a era da razão ou século das luzes. É um novo tempo na Europa com reflexo na América. Segundo Aranha, foi um período em que a razão liderou o espírito humano em todos os aspectos da vida e todas as coisas passariam pelo crivo da racionalidade para serem aceitas. As ideias iluministas foram difundidas e estimuladas e o mundo se tornou liberal e laico.

Os dogmas religiosos foram colocados na peneira da razão. Na lição de Aranha, as ideias que não passassem por esse crivo eram rejeitadas. A religião seria aquela firmada na razão, concebendo como correta aquela que viria a ser conhecida como religião natural, de modo que foi rejeitada a crença na revelação divina na Bíblia. Nichols conta, nesse sentido:

quanto à religião, o espírito dessa era firmou o princípio de que para as necessidades humanas seria suficiente apenas uma religião alcançada ou criada pela própria razão. Certas idéias como a existência de Deus, a lei moral, um estado futuro de castigos ou recompensas, dizia-se, tinham de ser provadas antes de ser aceitas como verdadeiras. Julgava-se que, como religião, bastava aquilo que veio a ser conhecido como religião natural. Pensava-se e ensinava-se que não era necessária a crença na revelação divina da Bíblia.¹⁸

A educação, por sua vez, foi fortemente influenciada por essas ideias do século das luzes. Fortaleceu-se, conforme Aranha,¹⁹ o ideal de uma educação liberal e laica, vislumbrando-se novos meios para a aprendizagem e a liberdade do educando. A educação cristã sofreu um revés. De modo que, os ensinamentos cristãos, tanto da igreja romana quanto da protestante, não suportariam a prova da razão. O racionalismo enfraqueceu a vida religiosa e a educação de cunho confessional.

¹⁷ ARANHA, 2006, p. 157.

¹⁸ NICHOLS, 2000, p. 215.

¹⁹ ARANHA, 2006, p. 171.

A escola deveria ser leiga e livre sem estar atrelada à religião. A educação cristã restringiu-se, como já dito, às escolas confessionais, e quando permitidas pelo Estado, a exemplo de Portugal durante a reforma pombalina, o ensino limitava-se à religião católica. Aranha ensina que nesse período da razão destacaram-se as ideias iluministas de Rousseau, com sua pedagogia naturalista e educação negativa; e de Kant, com a pedagogia idealista.

O século XIX, ainda segundo essa autora, representou a consolidação das reformas operadas no século XVIII, especialmente com respeito àquelas ocorridas no contexto da Revolução Industrial. Na educação, o Estado conseguiu intervir nas escolas particulares, impondo seus métodos, mediante legislação que, segundo Aranha, “buscava uniformizar o calendário escolar, o controle do tempo, o currículo, os procedimentos, criando os ‘sistemas educativos nacionais’”.²⁰ A educação mudou de foco: se antes tinha um caráter geral e universal, nesse tempo, segundo comenta ainda Aranha,²¹ passou a ter como objetivo formar a consciência nacional e patriótica do cidadão.

Nesse século, assim como no século anterior, pouco ou nada se tem a respeito do desenvolvimento da educação cristã reformada. Os relatos dizem muito mais respeito à fomentação da religião, especialmente nos países europeus de vanguarda, como Inglaterra, Alemanha e Portugal, nos quais entraram em crise, inclusive de identidade, e na América, onde ainda se buscava afirmação no cenário religioso e político. Segundo Cambi, esse fato, entretanto, é explicado pelo nascimento da escola moderna desde o século XVII.²²

No entanto, surgem no cenário desse século nomes ilustres no campo da educação, dentre outros, como Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). As concepções pedagógicas de Pestalozzi são influenciadas pelas ideias de Rousseau de educação segundo a natureza, conforme explicita Cambi na obra citada, bem como da educação familiar e da finalidade ética da educação. Sua grande obra foi o romance *Leonardo e Gertrude*, de 1870.

No cenário da educação cristã, destacou-se o reverendo Robert Raikes (1735-1811) com a implantação de uma “escola dominical”, em 1780, na cidade de

²⁰ ARANHA, 2006, p. 201.

²¹ ARANHA, 2006, p. 201.

²² CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: EdUNESP, 1999. p. 304-305.

Gloucester, para os pobres, na qual ensinava a ler e escrever por meio da Bíblia.²³ No geral, como já comentado, há pouca expressividade da educação cristã nesse século.

O século XX, para Borges, é tido como uma era dramática e conflituosa. Suas radicais inovações influenciam sobremaneira a vida social, tanto nos aspectos econômicos, políticos, como nos comportamentos e na cultura. A educação, por sua vez, ao final desse século, começou a assumir cada vez mais intensamente valores seculares. A pedagogia, antes voltada às mentes cristãs, deixou a seara da teologia e da eclesiologia, havendo a separação entre o intelecto e a vida espiritual, de modo que se tornaram duas esferas humanas sem inter-relacionamento. Segundo Borges, “a escola tornou-se, então, contrária à igreja e os ensinamentos das duas instituições passaram a ser antagônicos”.²⁴ Há uma clara divisão entre espiritual e secular. Esse fato, segundo Borges, deve-se a duas vertentes que caminharam juntas na era moderna, uma relacionada à Reforma Protestante e a outra, aos ideais iluministas.²⁵

Na atualidade, não é diferente dessa época. A secularização tomou conta do processo educacional. Os currículos das escolas patrocinadas pelo Estado, inclusive as privadas de cunho não-confessional, distanciam-se profundamente do ensino cristão. O processo pedagógico forma pessoas tecno-existencialistas voltadas para o “ter” em detrimento do “ser”, frutos de uma sociedade descompromissada com Deus, em que não há referenciais nem valores morais e éticos absolutos. As convicções e os valores cristãos, tidos por alguns educandos, são desvalorizados e considerados espúrios. Nisso, a vida cristã é banalizada,²⁶ e tem afetado grandemente a formação do próprio cristão, que, como se tem visto, transita pelas igrejas com personalidade fragmentada e estruturas moral e emocional disformes e sem consistência.

1.3 Na Igreja Presbiteriana

O tópico anterior deteve-se no estudo da história da educação cristã desde a Reforma Protestante até o século XX, contemplando uma visão panorâmica de várias épocas. Neste, todavia, o exame contemplará a formação cristã na Igreja

²³ CAMBI, 1999, p. 440-441.

²⁴ BORGES, 2002, p. 183.

²⁵ BORGES, 2002, p. 185.

²⁶ Esta expressão é usada por Borges na obra citada.

Presbiteriana, a começar do contexto da Reforma Protestante, com Calvino, e, depois, no da Igreja Presbiteriana do Brasil, até os dias atuais.

1.3.1 Breve histórico: os reformados

O presbiterianismo tem raízes na Reforma Protestante com João Calvino. É comum no estudo da história da Reforma Protestante atribuir como reformados todos que, de alguma forma, assumiram os ideais protestantes do século XVI. No entanto, não é bem assim. A história demonstra haver dois movimentos vinculados ao mesmo evento.

Inicialmente, tem-se a Reforma Protestante liderada pelo monge alemão Martinho Lutero a partir de 1517, cujos seguidores passaram a ser conhecidos como “luteranos”. Mais tarde, na cidade de Zurique, na Suíça, surge um segundo movimento de Reforma Protestante liderado pelo sacerdote Ulrico Zuínglio (1484-1531), denominado de “Segunda Reforma”. Zuínglio, segundo o historiador presbiteriano Alderi Souza de Matos, pretendia “reformular a igreja de maneira mais profunda que o movimento de Lutero”.²⁷ Esse movimento passou a ser conhecido como reformado, e, os seguidores, como reformados. As igrejas daí originadas denominaram-se Igrejas Reformadas.

Na lição de Matos, o movimento reformado após a morte de Zuínglio passou a ter João Calvino como novo líder, cuja influência, estudos e obras, principalmente a concepção de um completo sistema articulado de teologia cristã, contribuiu para difundir esse movimento além das fronteiras suíças, por toda a Europa, notadamente na França, na Alemanha, Países Baixos e nas Ilhas Britânicas. O arcabouço doutrinário de Calvino passou, posteriormente, a ser conhecido como calvinismo. Segundo ainda Matos, “esse sistema incluía normas específicas, retiradas das Escrituras, acerca da doutrina, do culto e da forma de governo das comunidades reformadas”,²⁸ cuja estrutura eclesiástica se organizava no governo das comunidades pelos presbíteros e grupos de igrejas em presbitérios regionais e em sínodos nacionais.

²⁷ MATOS, Alderi Souza de. *História do presbiterianismo*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7061.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008b.

²⁸ MATOS, Alderi Souza de. *Origens históricas do presbiterianismo*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7062.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008c.

O calvinismo propiciou o surgimento do termo presbiteriano. De acordo com Matos, a expressão foi admitida pela primeira vez pelos reformados nas Ilhas Britânicas (Escócia, Inglaterra e Irlanda), que, até então, devido ao momento político-religioso em que o protestantismo chegou nessa região, prevalecia o sistema episcopal, em que o Estado tinha amplo controle da Igreja. Dessa região, o presbiterianismo foi para os Estados Unidos da América e daí para o Brasil.

Historicamente, as igrejas presbiterianas sediadas na América do Norte surgiram de três vertentes de mesma origem reformada. Hurlbut ensina que a primeira “veio da igreja presbiteriana da Escócia, reformada por John Knox em 1560, e reconhecida como a igreja oficial nesse país”.²⁹ A segunda descendeu do noroeste da Irlanda de origem escocesa. A terceira originou-se do movimento puritano da Inglaterra, ao longo do reinado de Tiago I, que no reinado de Carlos II foi perseguido e, em sua maioria de ideias presbiterianas, expulsa de seus campos. Ainda, segundo Hurlbut, esses três grupos formaram a Igreja Presbiteriana Americana. Posteriormente, devido a questões doutrinárias, as igrejas até então pertencentes a um único vínculo presbiterial no âmbito dos Estados Unidos, tempo depois da Guerra da Independência, dividiu-se, formando, basicamente, em duas alas: a do sul e a do norte.

No Brasil, a história relata algumas tentativas protestantes, visando estabelecer um campo missionário na América Latina. Matos relata que a primeira foi com os franceses na Guanabara (1555-1567). No final de 1555, uma expedição francesa, comandada pelo Vice-Almirante Nicolas Durand de Villegaignon, aportou na Baía de Guanabara. A missão era fundar a “França Antártica”, com apoio do huguenote Gaspar de Coligny, posteriormente morto no massacre do dia de São Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572.

Calvino e a Igreja de Genebra, a pedido de Villegaignon, enviaram um grupo de crentes ao Brasil sob a liderança dos pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier, em 1557. Conta Matos, em a *História do presbiterianismo*,³⁰ que em 10 de março de 1557 eles celebraram o primeiro culto evangélico no Brasil. Essa tentativa não deu certo, pois, logo em seguida, de acordo com o relato de Matos, Villegaignon

²⁹ HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja cristã*. ed. rev. e atual. São Paulo: Vida, 2007. p. 254-255.

³⁰ MATOS, 2008b.

iniciou um conflito com os calvinistas e os expulsou do local em que se encontravam. De modo que o grupo, meses depois, embarcou para a França. Alguns, em torno de cinco pessoas, devido à ameaça de naufrágio, voltaram e foram presos e mortos posteriormente, com a exceção de Lafon, o alfaiate, que teve a vida poupada.

A segunda tentativa ocorreu com os holandeses no Nordeste durante o período de 1630 a 1654. Os holandeses eram calvinistas e vieram com o cunho de conquistar e colonizar os territórios da Espanha nas Américas. Nesse tempo, de acordo com Matos, Portugal estava sob o controle da Espanha, a chamada “União Ibérica” (1580-1640), abrindo, assim, espaço para os holandeses, em 1624, tomarem Salvador, a capital do Brasil. Sendo expulsos no ano seguinte, tomaram Recife e Olinda e boa parte do Nordeste, em 1630.

Eles, sob a liderança do príncipe Maurício de Nassau-Siegen, que governou o nordeste de 1637 a 1644, estabeleceram a Igreja Reformada como oficial, criando, segundo Matos, “vinte e duas igrejas locais e congregações, dois presbitérios (Pernambuco e Paraíba) e até um sínodo, o Sínodo do Brasil (1642-1646)”.³¹ Antes de completarem dez anos de instalação no Nordeste, foram expulsos, indo para o Caribe.

Daí para frente, passou-se mais de 150 anos sem a presença protestante no Brasil. Uma nova abertura ocorreu com a vinda da família real portuguesa para o território brasileiro, notadamente em 1810 com o Tratado de Comércio e Navegação, firmado entre Portugal e Inglaterra, em que concedia tolerância religiosa aos emigrantes protestantes. Desse tempo em diante, especialmente após a Constituição Imperial de 1824, houve várias incursões protestantes no território brasileiro, especialmente de cunho presbiteriano.

No Brasil, segundo relato de Matos,³² a Igreja Presbiteriana resultou do pioneirismo do Reverendo Ashbel Green Simonton (1833-1867). De origem norte-americana, nascido na Pensilvânia, veio para o Brasil por meio da Junta de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em 12 de agosto de 1859, data em que desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, com 26 anos de idade. Em 1862, de acordo com Matos, fundou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Em seguida,

³¹ MATOS, 2008b.

³² MATOS, 2008b.

auxiliado por outras pessoas, fundou o primeiro jornal evangélico, em 1864, denominado de *Imprensa Evangélica*. Em 1865, criou o primeiro presbitério e, em 1867, organizou o primeiro seminário. Morreu em 1867, com 34 anos de idade, vitimado de febre amarela. Sua esposa, Helen Murdoch, havia também já falecido três anos antes.

Nos anos seguintes, de acordo com Matos, a novíssima Igreja Presbiteriana caminhou para a consolidação entre os anos de 1869 a 1888. Simonton e seus amigos de ministério eram da Igreja Presbiteriana do norte dos Estados Unidos (Presbyterian Church in the United States of América - PCUSA). Dois anos mais tarde, em 1869, vieram os missionários George N. Morton e Edward Lane da Igreja Presbiteriana do sul (Presbyterian Church in the United States - PCUS), firmando residência e campo em Campinas, região em que havia muitas famílias norte-americanas do pós-Guerra Civil de seu país (1861-1865).

O grupo da PCUS foi para as regiões de Mogiana, oeste de Minas, o Triângulo Mineiro e o Sul de Goiás, em que se destacou o Reverendo John Boyle. Tal grupo foi responsável pela fundação de trabalhos missionários no Nordeste e Norte do Brasil, de Alagoas até a Amazônia. Destacando-se, segundo Matos,³³ John Rockwel Smith, fundador da igreja em Recife (1878), Delacey Wardlaw, em Fortaleza, o Dr. George W. Butler e ainda o Rev. Belmiro de Araújo César. Em outra vertente, o grupo missionário da igreja do norte dos Estados Unidos (PCUSA), com o acréscimo de novos colegas, fundou os principais campos na Bahia, em Sergipe e no Rio Grande do Sul, onde trabalhou o Reverendo Emanuel Vanorden, um judeu holandês.

Até então, a Igreja Presbiteriana no Brasil era formada por esses dois grupos de igrejas presbiterianas americanas. Ela somente veio a alcançar sua autonomia em setembro de 1888, com a criação do Sínodo Presbiteriano, desligando-se formalmente daquelas igrejas-mães. O Sínodo era formado pelos Presbitérios do Rio de Janeiro, Campinas-Oeste de Minas e Pernambuco, compondo-se de vinte missionários, doze pastores nacionais e 59 igrejas, segundo relata o historiador Alderi de Souza Matos, em a *História do Presbiterianismo*.

³³ MATOS, 2008b.

Posteriormente, entre os anos de 1892 e 1903, segundo Matos, surgiu “uma crise em torno das questões missionária, educativa e maçônica que resultou em divisão, surgindo a Igreja Presbiteriana Independente”.³⁴ Os anos seguintes foram anos de estruturação e de organização. Em 1937, foi aprovada e entrou em vigor a Constituição da Igreja, sendo criado o Supremo Concílio. Uma nova Constituição foi instituída em 1950, vindo depois o Código de Disciplina e os Princípios de Liturgia. De acordo com Matos, novos seminários foram sendo criados para dar conta do crescimento da igreja ante o chamado de novas vocações para o ministério pastoral.

Outro evento importante, segundo relatado por Matos, diz respeito à eleição do Reverendo Boanerges Ribeiro como presidente do Supremo Concílio, em 1966, em Fortaleza, cujo mandato destacou-se por uma grande perseguição a pastores, igrejas e concílios: “as principais preocupações do período foram a ortodoxia, a evangelização e a rejeição do ecumenismo. Multiplicaram-se os processos contra pastores, igrejas locais e concílios”.³⁵

Assim, tais fatos constituem a história panorâmica da Igreja Presbiteriana do Brasil, cujo início e organização, como serão vistos, caminhou paralelamente com as questões da educação cristã, inclusive pelo pioneiro Ashbel Green Simonton, dentre outros como Robert Reid Kalley (1809-1888), que, em 19 de agosto de 1855, juntamente com a esposa, Sarah Poulton Kalley (1825-1907), fundou a primeira escola dominical permanente do país, e também James Cooley Fletcher (1823-1901).

1.3.2 Formação cristã presbiteriana

Este ponto apresenta um breve histórico da atuação da Igreja Presbiteriana na educação cristã, especialmente no Brasil, com a criação da Escola Bíblica, cujos princípios básicos foram legados do calvinismo trazidos pela Igreja Presbiteriana Americana, destacando-se o pioneirismo de Ashbel Green Simonton, Robert Reid Kalley e esposa, Sarah Poulton Kalley, e James Cooley Fletcher.

A Reforma Protestante, segundo os relatos anteriores, renovou o interesse pela educação, porquanto havia uma necessidade crescente de alfabetização das

³⁴ MATOS, 2008b.

³⁵ MATOS, Alderi Souza de. *Breve história do protestantismo no Brasil*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6994.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008a.

peessoas para que pudessem ler a Bíblia. A educação cristã tornou-se, assim, um instrumento de comunicação da fé e de firmar os fiéis em suas convicções. Por sua vez, a Segunda Reforma, aliada a essa convicção protestante, também primou pela formação das pessoas. Por isso, com base nessa visão, as ações missionárias reformadas foram acompanhadas de ensino da Bíblia, criando escolas nos campos em que se instalavam.

João Calvino foi um árduo defensor da educação cristã no seio da igreja. Na Suíça, ao elaborar a constituição da Igreja Reformada de Genebra, no documento intitulado *Ordenança Eclesiástica*, incluiu, entre certos cargos da igreja, as pessoas que deviam estudar e ensinar as Escrituras. Segundo Matos,³⁶ a ênfase na educação na teologia calvinista foi muito forte, de tal modo que Calvino criou a Academia de Genebra, em 1559, nos níveis primário, secundário e superior. Essa escola visava a educação da infância e da juventude, além de preparar líderes das igrejas reformadas. De tal modo que, onde se estabelecia uma Igreja Presbiteriana de doutrina Calvinista havia a instituição de uma educação cristã reformada. Os Presbiterianos e a Educação estavam intimamente ligados. Essa relação – ou esse binômio: calvinismo e educação – decorre, em grande parte, segundo Matos, da teologia reformada. A concepção de Deus, do ser humano e das Escrituras, segundo esse historiador, levou os reformados a valorizarem a educação cristã ou religiosa.³⁷

Nesse sentido, desenvolveu-se no seio da Igreja Presbiteriana o interesse pela educação cristã, pois, aderindo à visão calvinista, passaram a incentivar a alfabetização e a educação, não somente na igreja local, mas também em uma esfera mais ampla. De modo que, as escolas reformadas se multiplicaram em todos os países de fé calvinista, tais como França, Holanda, Alemanha, Hungria, Inglaterra, Escócia e Irlanda.

Na América do Norte, de acordo com os informes de Matos, a educação cristã reformada foi implantada pelos Puritanos da Nova Inglaterra por volta de 1636. Eles fundaram o Harvard College, em Massachusetts, hoje uma universidade com o mesmo nome. Em Connecticut, segundo ainda Matos, os puritanos “criaram o Yale College, hoje a grande universidade sediada em New Haven”.³⁸ Na outra parte do

³⁶ MATOS, Alderi Souza de. *Os presbiterianos e a educação*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/10243.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008e.

³⁷ MATOS, 2008e.

³⁸ MATOS, 2008e.

país, os calvinistas de origem escocesa e irlandesa fundaram, em 1746, o Colégio de Nova Jersey, hoje Universidade de Princeton.

No Brasil, os presbiterianos americanos trouxeram consigo a visão calvinista de educação e evangelização. Matos relata que “o binômio ‘evangelização e educação’ sempre caracterizou a obra presbiteriana no Brasil, desde os seus primórdios”.³⁹ Em decorrência, algumas escolas foram fundadas em várias regiões do Brasil, tanto pelos missionários da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUSA), quanto pelas missões da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (PCUS). Matos destacou as seguintes iniciativas por parte dessas duas igrejas americanas:⁴⁰

1. Pela Igreja do Norte: Escola Americana de São Paulo (1870), Escola Evangélica de Botucatu (1886), Escola Americana de Laranjeiras, em Sergipe (1887), Colégio de Dois Córregos, do Rev. John B. Howell (1892), Escola Americana de Curitiba (1903), Escola Americana de Florianópolis (1906), Colégio Evangélico de Buriti, Mato Grosso (1928), dentre outros;
2. Pela Igreja do Sul: Colégio Internacional de Campinas (1893), Instituto Evangélico de Lavras, mais tarde Instituto Gammon (1895), Colégio Americano de Natal (1904), Colégio Americano de Pernambuco, hoje Colégio Agnes Erskine (1908), Instituto Bíblico Eduardo Lane, em Patrocínio/MG (1933), dentre muitos outros.

A Escola Americana de São Paulo transformou-se em Mackenzie College em 1885. Hoje, mantida pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie, engloba, em uma mesma instituição, o Colégio Presbiteriano Mackenzie e a Universidade Presbiteriana Mackenzie. Entretanto, mesmo ainda pertencente à Igreja Presbiteriana do Brasil, o Mackenzie secularizou-se, perdendo no tempo a intenção dos fundadores de ser uma instituição com orientação cristã e evangélica, em que propunham, segundo Matos, ministrar uma educação integral do indivíduo.⁴¹

Na visão de Alderi Souza de Matos, a educação presbiteriana tem buscado, como propósito maior, dar aos discentes “uma visão cristã da existência”,⁴² compreendendo “reverência para com Deus, valorização própria e dos semelhantes, senso de responsabilidade social e cívica, e espírito de altruísmo e serviço ao

³⁹ MATOS, 2008e.

⁴⁰ MATOS, 2008e.

⁴¹ MATOS, Alderi Souza de. *O Colégio Protestante de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/10283.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008d.

⁴² MATOS, 2008e.

próximo”.⁴³ A visão de educação presbiteriana se mostrou muito presente na Igreja com a criação de escolas dominicais voltadas para o ensino cristão dos membros e visitantes. A escola bíblica dominical, nas igrejas locais, tem um currículo formado por várias disciplinas voltadas às diversas faixas etárias, funcionando aos domingos pela manhã como uma escola de perfil tradicional, cujas matérias têm seguimento e conteúdos destinados à formação cristã continuada na fé do indivíduo.

Além desse aspecto, em consulta ao sítio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), verifica-se a manutenção de seminários destinados à formação de pastores em quase todas as regiões do Brasil. Os seminários formam oficialmente teólogos confessionais. Os vocacionados ao Sagrado Ministério Pastoral são identificados pelas igrejas locais e submetidos ao exame do Presbitério ao qual estão vinculados. Logo depois, sendo aprovados, são enviados ao Seminário Presbiteriano mais próximo para cursarem teologia por um período de em torno de quatro a cinco anos. O seminário não somente forma o pastor, ministro do Evangelho, mas um teólogo, líder eclesiástico, de curso superior, e agente do Reino, habilitado para administrar a igreja e conduzir o rebanho aos mistérios do Evangelho, em Cristo Jesus.

Os fatos revelam que, a despeito das várias interferências de princípios educacionais seculares no meio cristão, a Igreja Presbiteriana, convicta da visão da teologia calvinista, tem primado pela manutenção do caráter confessional e espiritual da educação, sem ofender os diferentes, respeitando a liberdade de consciência e de filiação religiosa.

O próximo capítulo será dedicado ao estudo de alguns aspectos gerais da educação cristã e, em particular, dos quatro pilares do conhecimento tratado no Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, produzido por Jacques Delors, sob o título *Educação: um tesouro a descobrir*.

⁴³ MATOS, 2008e.

2 EDUCAÇÃO CRISTÃ: ASPECTOS GERAIS

Perfilado ao objeto deste trabalho, o propósito deste capítulo é, primeiramente, apresentar uma definição de educação cristã a partir da compreensão do termo “educação”, para, em seguida, incursionar sobre os aspectos tratados por Jacques Delors, no relatório produzido para a UNESCO, sob o título *Educação: um tesouro a descobrir*, em que são abordados os quatro pilares da educação.

2.1 Definição

De início, é preciso entender o termo educação. Educação, *de per se*, tem origem no latim *educatio*, que deriva do verbo *educare*, significando instruir, fazer crescer, criar.⁴⁴ O dicionário Aurélio define como o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”.⁴⁵

Edgar Morin, na obra *A cabeça bem-feita*, ao tratar da aprendizagem cidadã, ensina que a “educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar um cidadão”.⁴⁶ A autoformação da pessoa, sob essa visão de Morin, implica não somente conduzir o indivíduo à compreensão de sua condição humana, mas igualmente levá-lo a aprender a relacionar-se com o cosmo, com a criação e com os seus semelhantes. Nesse sentir, a ideia básica de Morin assenta-se à visão de educação baseada nos “Quatros Pilares da Educação”, que será tratado oportunamente neste trabalho.

Na concepção de Borges, a educação é “um processo de desenvolvimento das características tipicamente humano”.⁴⁷ E, nesse sentido, aliada à ideia de Morin, teria a função básica e implícita de formar a personalidade humana. Ora, se busca a formação da personalidade do indivíduo, logo se refere também ao aspecto

⁴⁴ MACHADO, Nilson José. *Educação: projetos e valores*. 6. ed. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 20.

⁴⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.]. p. 499.

⁴⁶ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 65.

⁴⁷ BORGES, 2002, p. 215.

transcendente ou espiritual do ser humano. Pois, afinal, o ser humano não é somente formado de corpo, matéria, mas também de espírito. Daí toda pessoa inclinar-se, de algum modo, para o transcendente, o sobrenatural, independente da forma de como ela venha a cumprir essa religiosidade natural. De modo que, a educação visa formar o ser humano integralmente, pois sem essa formação de todo o ser, ela estaria incompleta, teria uma meia-educação.

Tudo isso posto, permite introduzir a educação cristã a partir de um enfoque humanista, firmada no pensamento contemporâneo de Edgar Morin, para mostrar que, no fundo, a educação, em essência, tem na bagagem a visão divina, mesmo que, na perspectiva conceitual humana, se abstraia o aspecto teológico. Então, a educação cristã como poderia ser definida?

Borges, autora da obra *Educação e personalidade*, no capítulo “Pedagogia da transcendência”, define educação cristã “como toda e qualquer prática educativa que considera o ser humano do ponto de vista do Evangelho”.⁴⁸ Em seguida, afirma que “será legitimamente cristã a educação que se preocupa seriamente em ser Cristocêntrica, tendo Cristo como referencial e centro de toda teoria e de toda prática”.⁴⁹

Downs, outro autor, conceitua educação cristã como “o ministério de levar o crente à maturidade em Jesus Cristo”.⁵⁰ E acrescenta que o “foco do ministério educacional é servir ao corpo de Cristo por meio do ensino”.⁵¹ Além de que a educação cristã tem início a partir do momento da conversão, dada por meio da proclamação do Evangelho, visando à maturidade espiritual e à formação da personalidade.

Na visão psicocultural, à luz das instruções do apóstolo Paulo em suas epístolas, o ensino cristão visaria igualmente dar continuidade à transformação do ser humano de dentro para fora depois do momento da conversão.

Assim, diante desses enfoques, a educação cristã pode ser definida como um processo de formação contínua e permanente do indivíduo para a vida à luz da Palavra de Deus. Por conseguinte, é, a juízo, o modo operante de o Senhor integrar

⁴⁸ BORGES, 2002, p. 175.

⁴⁹ BORGES, 2002, p. 175.

⁵⁰ DOWNS, Perry G. *Ensino e crescimento: introdução à Educação Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 17.

⁵¹ DOWNS, 2001, p. 17.

o ser humano ao contexto espiritual da nova vida em Cristo, como luz e sal, e ao contexto da comunidade, como agente de transformação, no aspecto cultural e religioso.

2.2 Os Quatro Pilares da Educação

Este tópico, Os Quatro Pilares da Educação, foi inspirado do Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, produzido por Jacques Delors, sob o título *Educação: um tesouro a descobrir*.⁵²

Embora o foco central deste trabalho seja estudar a educação cristã na igreja em células, no contexto da Igreja Reformada, a função desta abordagem, a princípio de formação educacional secular, é altamente necessária face alinhar-se à proposta cristã reformada de uma educação contínua e integral para toda vida.

Ademais, como já falado neste trabalho, a educação, por si só, tem raízes em Deus, abrangendo, assim, todas as áreas da vida e do conhecimento humano. Logo, é natural considerar, com base na cosmovisão calvinista, que tudo é religião.

Delors trata de quatro pilares do conhecimento. Segundo a visão da Comissão da UNESCO, a educação deve se organizar em torno deles, pois são fundamentais para cada indivíduo ao longo de toda a vida. De modo que, segundo esse autor, eles são: (1) aprender a conhecer; (2) aprender a fazer; (3) aprender a viver juntos; e (4) aprender a ser.

Desde o início dos trabalhos, os membros da Comissão compreenderam ser indispensável, para enfrentar os desafios do próximo século, assinalar novos objetivos à educação e, portanto, mudar a ideia que se tem de sua utilidade. Uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe ultrapassar a visão puramente instrumental da educação, considerada como via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e considerá-la em toda sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.⁵³

⁵² DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2000.

⁵³ DELORS, 2000, p. 90.

2.2.1 Aprender a conhecer

Aprender a conhecer é dominar os instrumentos do conhecimento. Esse tipo de aprendizagem não visa que a pessoa adquira os saberes de todas as ciências, mas que seja competente em poucas disciplinas e possuidora de uma cultura geral. Em outras palavras, como resumido por Delors, é aprender a aprender, visando uma educação ao longo de toda a vida. Essa primeira etapa seria a base para os demais conhecimentos e realização completa do ser humano.

Na visão desse autor, o domínio dos instrumentos do conhecimento tem o propósito de, ao mesmo tempo, ser meio e finalidade na formação humana. Meio, no sentido de que cada pessoa torne-se apta a ter uma percepção clara do mundo que a cerca, vez que lhe é indispensável “para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar”.⁵⁴ E finalidade, no sentido de ter autonomia na capacidade de discernir, mediante o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir, à medida que os saberes aumentam, resultando, por consequência, a curiosidade intelectual, o senso crítico e a compreensão da realidade. Nesse sentido, a cultura geral na formação da pessoa desde pequena é importante, pois lhe permite, não somente abertura a outras linguagens e a outros conhecimentos, conforme colocado por Delors, mas também comunicar-se.

O pilar no âmbito da educação cristã tem várias implicações. Uma delas é a natureza de sua importância para a missão da Igreja na condição de agente do Reino. A tarefa de pregar o Evangelho requer discípulos capazes de gerar discípulos. No seio da Igreja, aprender para conhecer (aprender a aprender) é a base de formação do cristão e do discípulo. Não se forma ou se torna um verdadeiro cristão, apto para toda boa obra, se não se domina bem os instrumentos do conhecimento, seja da Palavra de Deus ou das ciências. E, nesse sentido, a escola bíblica, organizada e pedagogicamente estruturada, é o competente instrumento de formação cristã. Ela deve ser capaz de transmitir ao neófito o estímulo e as bases para que continue a aprender ao longo da vida, na igreja, mas também fora dela.

À luz desse raciocínio, compreender o mundo é fundamental no processo de desenvolvimento da personalidade, que não somente envolve o aspecto físico (material), mas também o espiritual. A formação da personalidade passa pela fase

⁵⁴ DELORS, 2000, p. 91.

de aprender a conhecer o Criador, Deus. E, como consequência, conhecer-se a si mesmo, sua formação, sua natureza, bem assim o estado em que se encontra. É um processo interior, com reflexos externos, que leva à compreensão do outro, do semelhante, sujeito às mesmas limitações e avanços. Logo, nesse processo de crescimento, reside a verdadeira espiritualidade humana, que torna o indivíduo capaz de comunicar-se e de relacionar-se.

A supressão dessa fase da aprendizagem da formação cristã conduz ao isolamento pessoal para as alteridades e para as relações interpessoais fora do âmbito da igreja. Em vez de moldar um indivíduo apto, estruturado, convicto e alicerçado em boa doutrina, pensando por si mesmo, forma-se uma pessoa limitada – bitolada – fisiologista e proselitista, massa de manipulação de líderes e incompetente na defesa da fé e das convicções, pois he falta base, não aprendeu a aprender. Porquanto, a educação cristã, ao andar de mãos dadas com o ensino das ciências e da cultura em geral, capacita o indivíduo para a vida, cuja base em Deus molda o caráter e a personalidade da pessoa.

2.2.2 Aprender a fazer

Aprender a fazer é consequência do aprender a conhecer. O pilar está associado a como pôr em prática os conhecimentos e seus instrumentais. Resulta, pois, de um processo do aprender a aprender, vez que sem essa aprendizagem não há competência pessoal. Delors define essa fase da aprendizagem como aquisição de competências “que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe”.⁵⁵ Tais competências implicam também a capacidade de alternar-se no âmbito social e do trabalho, quer seja na função de comunicar-se, de trabalhar com os outros, ou de resolver conflitos. De acordo com Delors, a relação entre matéria e técnica deve ser completada com estáveis relações interpessoais.

A inversão dessa fase torna defeituoso o processo de crescimento da pessoa, a falta de um compromete os demais pilares. Aprender técnicas sem levar em conta uma formação básica, sem o domínio dos instrumentos do conhecimento, produz uma pessoa incapaz e incompetente para a vida. A pessoa é desprovida de conteúdo e de ferramentas adequadas para sua missão. Um ensino cristão, em cujo

⁵⁵ DELORS, 2000, p. 101.

processo pedagógico esteja ausente o primeiro pilar do conhecimento, gera pessoas inábeis, aptas apenas para certa tarefa mecânica, robotizada, operários de colmeia, limitados.

Focar-se apenas no aprender a fazer perde o aspecto qualitativo, a formação cristã deixa de ser uma experiência global, que, em vez de formar, pende por deformar a personalidade humana, tanto no aspecto físico, quanto no espiritual. O reflexo desse fato é eliminar do âmbito eclesial a visão reformada de ensino cristão. A escola bíblica perde o foco e a importância como instrumento de formação da personalidade humana. A visão de educação cristã resume-se à formação de operários do Reino inaptos a toda boa obra. Veem-se apenas multiplicadores, robôs programados para realizar certas tarefas pré-estabelecidas, cerceados dos instrumentos do conhecimento.

Porquanto, o ser discípulo é muito mais do que ser um neófito cristão cheio do desejo de converter outras pessoas. Ser discípulo de Cristo implica ser e fazer. Ser, na condição de uma pessoa nascida da água e do Espírito, consciente de sua condição e obediente. Fazer, no sentido de essa pessoa estar preparada para ensinar, no exercício de competências obtidas no aprender a conhecer, com domínio dos instrumentos dos saberes, do preparo para boa obra, do conhecimento de Deus e de si mesmo, e do estudo da Palavra. Diferente disso, a pessoa não consegue agir sobre o meio envolvente por lhe faltar os instrumentos da compreensão. Por conseguinte, não exercita o desenvolvimento do ser ao longo de toda vida. Como dito, são operários de colmeia.

2.2.3 Aprender a viver juntos

O terceiro pilar é aprender a viver juntos. Para Delors, é o desenvolvimento da “compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz”.⁵⁶ É a fase de aprender a viver com os outros em harmonia e bem-estar. Sugere-se a capacidade da pessoa de se relacionar com o

⁵⁶ DELORS, 2000, p. 102.

meio em que vive e com suas diferenças, com a finalidade de “participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas”.⁵⁷

Aprender a viver juntos se manifesta mais apropriadamente na capacidade de a pessoa ter a competência de se relacionar, em que a formação educativa esteja no desenvolvimento do conhecimento dos outros, de suas culturas, de sua espiritualidade. Ou seja, é uma educação da interação e da alteridade em um contexto igualitário com objetivos e projetos comuns. O indivíduo que desenvolve essa competência relaciona-se com o meio sem perder sua identidade e convicções. Segundo Delors, para que isso possa acontecer, há um processo de duas vias complementares. A primeira seria a descoberta progressiva do outro, e a segunda, a participação em projetos comuns ao longo de toda a vida.

Nesse caso, na descoberta do outro, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI entende que a missão da educação seria, “por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta”.⁵⁸ Esse deve ser um processo patrocinado não somente pela escola, mas também pela família e comunidade desde a mais tenra idade do indivíduo. De modo que a descoberta do outro, na visão de Delors, passaria, *de per si*, pela descoberta de si mesmo, e “por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo”.⁵⁹ Só assim, entende esse autor, essas pessoas poderão, de fato, pôr-se no lugar dos outros e compreender suas atitudes. Nesse ensino, a participação em projetos comuns favorece o comum em detrimento das diferenças. Por isso, projetos cooperativos, por exemplo, seja na escola, seja na comunidade, desde a infância, estimula o relacionamento interpessoal e favorece o desaparecimento das desigualdades, seja racial, econômica ou social, de modo que tais atividades permitem, positivamente, a formação da personalidade da pessoa humana.

Na educação cristã, sua aplicação é altamente sadia. Vai ao encontro do ensino de Jesus do amor ao próximo, ou seja, amar ao próximo como a si mesmo, ver o outro como seu semelhante, colocar-se no lugar do outro para desenvolver a

⁵⁷ DELORS, 2000, p. 90.

⁵⁸ DELORS, 2000, p. 99.

⁵⁹ DELORS, 2000, p. 98.

empatia e a socialização, visando a harmonia e a paz entre os povos e as nações. De forma que, aprender a viver com os outros está intimamente atrelado ao ensino cristão, ou seja, ao ensino baseado na Palavra de Deus, na Bíblia, como base formativa do ser humano para relacionar bem e proveitosamente em qualquer ambiente. E isso é missão da Igreja. Mesmo que haja espaço na escola, cumpre à organização eclesial, herdeira do legado Divino, propiciar ao indivíduo tal formação, a qual, nos tempos atuais, deveria ser ministrada na escola bíblica, à luz de um currículo interdisciplinar e desprovido de preconceito, no qual se vise uma educação universal, ensinando tudo a todos, e para toda a vida.

2.2.4 Aprender a ser

O quarto pilar do conhecimento é aprender a ser. É a soma dos três primeiros. No entendimento de Delors, as quatro vias do saber constituem apenas uma, pois são interativas e constitutivas.

Desde a sua primeira reunião, a Comissão reafirmou, energicamente, um princípio fundamental: a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade.⁶⁰

Essa fase da aprendizagem é a da formação do ser, em que se reveste a modelagem do novo ser humano capaz de compreender a si mesmo e ao mundo que o rodeia. E, como esclarecido por Delors, de se comportar nele como ator responsável e justo. É o senso ou a ideia da “pessoa que é”, que aprendeu a ser, expressa no seguinte postulado da Comissão:

assim a Comissão adere plenamente ao postulado do relatório Aprender a ser: ‘O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos’. Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até à morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade.⁶¹

⁶⁰ DELORS, 2000, p. 98.

⁶¹ DELORS, 2000, p. 101.

Ao que parece, essa proposta da Comissão Internacional da UNESCO para a Educação do Século XXI amolda-se à proposta da educação cristã reformada, ensinada por Jesus, vivida pela Igreja Primitiva, resgatada na Reforma Protestante, inicialmente por Lutero e, depois, por Calvino, de educação universal para toda a vida. De modo que é desde o nascimento até a morte, em uma contínua reformulação e renovação das competências, que tem início a partir do conhecimento de Deus. E deve ser vista como um processo encadeado de fases interativas e interdependentes de transformação do ser de dentro para fora. Nessa visão, a formação de discípulos não se limita ao simples treinamento, que visa tornar alguém apto para o desempenho de determinada tarefa, tirando dele o direito de aprender a ser, de se realizar completamente, à medida que passa pela maturação contínua e permanente da personalidade, pela via dos quatro pilares da educação, tornando-o capaz de ser também ator dessa metamorfose junto a outros de seu grupo ou universo de relacionamento. A igreja é a responsável por proporcionar à comunidade homens com competências para aprender a ser, aprendendo a conhecer, a fazer e a viver juntos, em um ambiente plural e relativista, sem perder a visão de si mesmo e de sua responsabilidade. A escola bíblica, por sua vez, é o meio de que o sistema eclesiástico dispõe para esse fim, com projetos pedagógicos adequados abertos à comunidade.

O tópico seguinte incursiona panoramicamente pela natureza e pelos aspectos históricos da escola bíblica como práxis de formação cristã da igreja reformada, ressaltando a educação como ministério da igreja que tem por objetivo a formação integral e continuada do indivíduo para a vida.

2.3 Escola Bíblica: Práxis Pedagógica de Formação Cristã

O foco deste capítulo é lançar olhares sobre a natureza e a importância da escola bíblica como prática de formação cristã da Igreja Reformada. Não se pretende adentrar minuciosamente nos aspectos históricos, mas destacar, como pano de fundo, a educação como ministério relevante da Igreja na formação de homens, à luz da práxis de formação cristã patrocinada pela Igreja Primitiva de formação integral e continuada.

2.3.1 Objetivo

No objetivo deste capítulo, o presente tópico abordará, em rápidas incursões, o surgimento da escola bíblica, visando destacar sua importância no campo da educação, especialmente, no contexto cristão.

A escola bíblica dominical desde o princípio visou o ensino da Bíblia. No início do movimento, em 1870, em Gloucester, Inglaterra, com Robert Raikes, teve como objetivo alfabetizar meninos e meninas da rua, utilizando a Bíblia como texto central. O movimento teve uma grande repercussão no mundo daquela época. João Wesley, pastor metodista, ao visitar as escolas bíblicas de Raikes, adotou-as também como escolas para cristãos, sob a alegação de ser um dos trabalhos mais eficientes para o ensino da Bíblia.

No Brasil, a escola bíblica surgiu em Petrópolis (RJ), em 1855, com o casal de missionários escoceses, Robert e Sarah Kalley. Naquele momento, a escola bíblica teve o propósito de ensinar a Bíblia às crianças pobres da região com a intenção de alfabetizá-las, ao tempo em que eram evangelizadas. Com o passar do tempo, o grupo aumentou com o ingresso de jovens e de adultos. Tornando-se, então, a partir desse período, um instrumento eficaz para o crescimento espiritual da igreja evangélica brasileira. Nesse sentido, vislumbrando a ênfase do ensino cristão firmado na Reforma Protestante, a Escola Dominical, apesar da finalidade precípua, firmou-se, no mundo cristão protestante, como instrumento eclesial de ensino, evangelismo e formação integral e permanente do homem, ser humano.

2.3.2 Educações continuada e integral

Nos primórdios do cristianismo, a Igreja Primitiva conviveu por longos anos com a cultura e a língua grega. A ideia de educação grega estava presente no contexto sociopolítico do Novo Testamento. Havia uma relação entre a cultura grega e a incipiente religião cristã. Segundo Barros, na obra *Cristianismo Primitivo e a Paideia Grega*, na cultura helenística o termo educação estava intimamente associado à palavra *Paideia*.⁶²

⁶² BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Cristianismo primitivo e a paidéia grega*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vdletras2/gilda.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

Na época de Jesus, *paideia*, na língua grega, de *paidos* (criança), já significava a cultura formada a partir da educação. A instrução formaria o indivíduo como ser humano completo, consoante com o ideal educativo grego de formação geral, no sentido de construir o homem como ser humano e como cidadão. No tempo, passou também a assinalar o propósito do processo educativo além dos anos de escola, ou seja, por toda vida.⁶³

Esses fatos revelam, por si só, a ideia de que o termo educação é muito mais abrangente no contexto da igreja primitiva do que supõem alguns. Nesse tino, o ensino cristão não se limitava apenas aos princípios básicos da doutrina apostólica ou a capacitar obreiros à pregação evangelística ou à liderança da Igreja. A educação pretendia desenvolver a vida integral do homem. E, em todos os aspectos inerentes à construção do indivíduo, propunha a formação permanente da humanidade: o ser humano está em contínuo desenvolvimento e aprendizado, na condição de criado à imagem e à semelhança de Deus. A Educação Cristã não foge à regra. Por seu turno, sugere a mesma ideia de instrução contida na palavra grega *paideia*.⁶⁴ Algo mais do que uma simples transmissão de conhecimento. O aprendizado, de caráter progressivo, produziria uma metamorfose na vida e no ambiente do ser humano, como pessoa e como cidadão. Um ser, por natureza, ecológico e cosmopolita.

A Escola Bíblica, por sua vez, como instrumento da Igreja de educação cristã, segue a mesma visão pedagógica da *paideia*, de educação continuada e integral. Seu modelo tem sido utilizado pelas igrejas cristãs evangélicas para a formação da identidade cristã de seus membros desde a Reforma Protestante.

2.3.3 Ministério da Igreja

De tudo visto até agora, pode-se inferir que o ensino cristão é um imperativo divino para o ser humano. O Antigo Testamento deixa explícita essa ordem. Ela está nos registros dos momentos da relação de Deus com o povo judeu. O livro de

⁶³ PAIDEIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paid%C3%A9ia>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

⁶⁴ No contexto deste trabalho, toma-se a liberdade de traduzir a ideia desse parágrafo na expressão “*paideia* bíblica”.

Deuterônimo é uma dessas ocasiões. De modo que, nesse tópico, será tratada a educação cristã como relacionada à missão da Igreja.

No capítulo 4 do livro de Deuterônimo, Javé estipulou os princípios básicos do arcabouço da educação cristã, constituído pelos estatutos, juízos e mandamentos. Essa doutrina tinha por fim a formação contínua e integral na fé do povo em todos os aspectos da vida (vs. 1-2; 5-8). A estrutura religiosa, judicial, política, social e filosófica da nação estavam baseadas nesse sistema pedagógico.

Todo o sistema visava o cumprimento da vontade de Javé de tornar a jovem nação judaica luz aos olhos dos demais povos e nações circunvizinhas (missão centrípeta).⁶⁵ Por isso, os referidos estatutos, juízos e mandamentos deveriam ser guardados e praticados para tornar a nação sábia e entendida aos olhos dos outros povos (v. 6). As sinagogas tornaram-se a “casa de ensino”. O conhecimento aprendido, segundo Downs, no livro *Ensino e crescimento*, deveria ser demonstrado por uma mudança de atitude e de comportamento.⁶⁶ Havia ainda, na interpretação desse autor, uma progressão no aprendizado nos elementos adicionais oferecidos no texto de Deuterônimo 31.

No Novo Testamento, a tônica não é diferente. O ministério de Jesus baseou-se na educação e no ensino. Em Mateus 5, Jesus reiterou a educação cristã na vida da Igreja (v. 19). A ênfase dada ao ensino deixou clara a relevância para a vida cristã, a ponto de ser tido como grande no Reino dos céus aquele que ensinasse e cumprisse a orientação divina. Naturalmente, a educação foi decisiva na vida e no ministério de Cristo. Foi o centro. Ele pretendia nada menos do que transformar a natureza humana e o relacionamento humano, porquanto os discípulos foram preparados para serem agentes de mudança e de transformação. E, na missão de fazer novos educandos, deveriam ser o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5.13-16).

No ministério de Paulo não foi diferente, refletiu a instrução de Jesus. Nas epístolas, o apóstolo sempre enfatizou a mesma visão de proclamar e ensinar o

⁶⁵ Quando se aborda o tema missão centrípeta no Antigo Testamento, está-se falando da missão de Israel de, em sendo o resplendor da glória de Deus, atrair para si (centro) todos os povos com o propósito de mostrar e ensinar acerca do único Deus vivo. Nos dias de Salomão, temos o testemunho em que todas as nações da terra vinham até Israel para conhecer seu Deus (1Rs 1-11; 1Cr 28-29; 2Cr 1-9).

⁶⁶ DOWNS, 2001, p. 31.

Evangelho.⁶⁷ Em sua mente, a instrução deveria ser integral, contínua e condutora do ser humano à maturidade, pois buscava “a perfeita varonilidade, a medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13). O objetivo era apresentar a Deus uma Igreja perfeita, madura e completa, em Cristo Jesus.

Por isso, em qualquer ambiente, a Igreja, como instituição, é a responsável pela aplicação do modelo pedagógico bíblico orientado na formação continuada na fé do indivíduo, com foco na maturidade no Reino e no bom relacionamento na vida hodierna. Nesse mesmo pensamento, Borges comenta que a proposta de ensino do cristianismo: “é todo voltado para a mudança de vida como consequência da mudança do modo de pensar”, de modo que a educação deve ser “transformadora do caráter, da personalidade e das relações de todo tipo, quer sejam familiares, sociais ou espirituais”.⁶⁸ Essa autora, ao reportar-se aos estudos de Comenius, ensina que o exame das Escrituras revela o ser humano antes da queda, dotado de excepcional capacidade para aprender, mas limitado no conhecimento. De forma que, devido a esse fato, “a educação seria necessária e nunca concluída, visto que o ser humano jamais saberia e experienciaria, de modo total e definitivo, todas as grandiosas maravilhas do Universo”.⁶⁹ Downs afirma que “o ensino é central no plano do Senhor, indicando sua centralidade na vida da igreja”.⁷⁰ O autor, ao se reportar à educação cristã, assevera o seguinte: “propriamente entendida, a Educação Cristã é um meio decisivo de manter a vida da igreja e levar a igreja para frente. Foi decisiva na vida do Senhor e tornou-se decisiva na vida da igreja”.⁷¹

A Igreja é responsável pela Educação Cristã e não pode se furtar à tamanha tarefa. Nos tempos idos, a tarefa de educar, à luz dos parâmetros de conduta e de relacionamento divinos, foi atribuída ao povo judeu (Deuteronômio 4.5-6). Na época, a educação já se firmava como instituto velado por Javé. Nesse cenário, ressalte-se a natureza do chamado da nação judia para ser igreja de Deus, tanto que a organização eclesiástica da época era formada pela casta dos sacerdotes. A igreja primitiva compreendeu perfeitamente essa missão nos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos. A eleição, a separação e a habilitação, no poder do Espírito Santo, foram

⁶⁷ Conforme constam, dentre outros textos, em Rm 15.4; 1Tm 3.2; 2Tm 1.11; 2Tm 2.2; 1Co 9.22; e Cl 1.25-29.

⁶⁸ BORGES, 2002, p. 37.

⁶⁹ BORGES, 2002, p. 65.

⁷⁰ DOWNS, 2001, p. 31.

⁷¹ DOWNS, 2001, p. 31.

as premissas para o exercício desse ministério sacerdotal. De modo que, ao longo da trajetória de vida, a igreja continuou dando ênfase ao ensino.

Conclui-se que a educação é da natureza da Igreja. E, com efeito, assume um lugar de destaque. Demais, é o meio de manter a vida e o crescimento. É uma ferramenta divina para moldar e desenvolver holística e permanentemente todo ser humano. Logo, a Escola Bíblica é o instrumento na Igreja de cumprimento do mandato divino.

O próximo capítulo aborda o estudo da práxis pedagógica da Igreja em Células, baseada no modelo de Ralph W. Neighbour Jr., adotado pelo Ministério Igreja em Células no Brasil, inicialmente, com incursões panorâmicas sobre a origem, a eclesiologia e a teologia do Movimento Celular.

3 FORMAÇÃO CRISTÃ NA VISÃO PEDAGÓGICA DA IGREJA EM CÉLULAS

A adoção do modelo pedagógico de Neighbour Jr. como objeto de estudo deste trabalho justifica-se no fato de que, nas últimas décadas, esse instrumento tem sido disseminado, por meio do Ministério Igreja em Células no Brasil, no âmbito das igrejas reformadas, que têm migrado para o modelo celular, em contraposição à práxis de educação cristã reformada, desestruturando a Escola Bíblica Dominical, com consequências para a educação continuada na fé dos membros. Nesse passo, a ênfase dada é de exame crítico da ferramenta de ensino denominada *Trilhos de Treinamento*, sem a pretensão de exauri-la.

3.1 Igreja em Células

A visão celular não somente determina a estrutura e os valores da Igreja em Células como também o modelo de ensino cristão. Com base nessa realidade, o propósito deste tópico é propiciar uma incursão nos meandros do arcabouço doutrinário em que está estribada a visão celular, para melhor compreensão do modelo adotado de ensino cristão, que é objeto de exame neste capítulo, de modo que, para isso, de início, buscar-se-á conhecer a origem e os pressupostos eclesiológicos e teológicos da Igreja em Células.

3.1.1 Origem

Os dados acerca da origem da Igreja em Células são poucos. Não há muitas informações que privilegiem uma descrição sistemática devido ao fato de não ser ainda objeto de estudo nessa dimensão. Entretanto, algumas fases podem ser identificadas nas obras pesquisadas.

Joel Comiskey, no livro *Crescimento explosivo da Igreja em Células*,⁷² credita a origem às ações evangelísticas nas igrejas que se reuniam nas casas no Novo Testamento. E, nessa mesma obra, refere-se ao fato de que “a rápida multiplicação das igrejas nas casas do primeiro século espalhou a chama do amor de Deus a todo o mundo”.⁷³ A história da Igreja Cristã registra a Igreja Primitiva ou

⁷² COMISKEY, Joel. *Crescimento explosivo da Igreja em Células*: levando seu grupo a crescer e multiplicar. 3. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008.

⁷³ COMISKEY, 2008, p. 25-26.

neotestamentária reunindo-se de casa em casa com o propósito de repartir o pão (ceia ágape), ter comunhão, orar, instruir e ensinar. Na maioria das vezes, ocorria nos templos por meio da ministração dos apóstolos.⁷⁴ Nesse período de crescimento e enlevo espiritual, em meio às lutas, a igreja resistiu às intenções circunstanciais do Estado de destruí-la, desde perseguição política e privação econômica até sublevação social e heresia interna. Depois de 300 anos, a partir do reinado de Constantino, por volta do ano de 312 d.C, ela recebeu o reconhecimento do Estado. E, com isso, Comiskey afirma que as pequenas comunidades (células ou grupos pequenos) passaram a reunir-se nos templos, mudando o foco e as relações no meio delas (adoração, liderança e estrutura organizacional e física), de modo que o evangelismo foi sistematicamente abandonado e a igreja centrou-se na edificação cristã e no crescimento espiritual, com exceção de alguns “grupos monásticos e as equipes missionárias dos morávios, que espalharam a mensagem do evangelho por meio de grupos pequenos”.⁷⁵

Em que pese tais fatos apresentados por Comiskey, no Antigo Testamento verifica-se que a instrução do povo hebreu não somente estava intimamente relacionada à evangelização como também à formação de indivíduos, tornando-os, por sua vez, aptos a falar a cerca de Javé, a cumprir seus mandamentos e ordenanças e a serem bons cidadãos, contribuindo, assim, no crescimento pessoal e espiritual de cada um e da nação. E, à luz da Reforma Protestante, Lutero, compreendendo perfeitamente essa missão nos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, retomou e propagou o ensino cristão, a despeito de incentivar as reuniões nas casas. A mesma percepção foi tida por Calvino, que se mostrou um árduo defensor da educação cristã, especialmente nas escolas de formação geral.

Nos ensinamentos de Comiskey, os grupos pequenos somente vieram a ser retomados no final do século XVIII com John Wesley e o Metodismo. Wesley, então, foi o pioneiro em grupos pequenos. Ele, de acordo com esse autor, “desenvolveu mais de 10.000 células (denominadas classes). Centenas de milhares de pessoas participaram do seu sistema de grupos pequenos”.⁷⁶ Wesley focalizava o discipulado e as reuniões nas classes serviam para o evangelismo, cujo processo levava à

⁷⁴ Atos dos Apóstolos no capítulo 2 registra esse processo de crescimento e vida da igreja nos primeiros séculos.

⁷⁵ COMISKEY, 2008, p. 26.

⁷⁶ COMISKEY, 2008, p. 26.

multiplicação. Wesley, então, é tido como o precursor moderno de células. As células, conforme comentário de Comiskey citando Hunter, “serviam melhor como grupos de recrutamento, como portas de entrada para pessoas novas e para envolver as pessoas avivadas com o evangelho e com poder”.⁷⁷ Para Comiskey, o princípio da multiplicação praticado por Wesley lançou o fundamento para a moderna igreja em células.⁷⁸

No século XX, o pastor David Yonggi Cho introduziu o modelo de grupos pequenos. Em 1958, ele deu início ao atual sistema de igreja em células na Coreia do Sul, tornando-se referência no mundo todo, segundo registra Joêr Corrêa Batista e outros.⁷⁹ Cho fundou a Igreja do Evangelho Pleno Yoido em Seul, considerada a maior do mundo. Segundo dados de Comiskey, a “igreja cresceu até 23.000 células e os sete cultos dominicais atraem aproximadamente 153.000 fiéis toda semana”,⁸⁰ cujo crescimento é creditado ao sistema de células.⁸¹

Enquanto o movimento de grupos pequenos florescia na Coreia do Sul, nos Estados Unidos da América, segundo Batista e outros, “o Dr. Ralph W. Neighbour Jr. iniciava seu ministério com células, e já se propunha na implantação de grupos pequenos”,⁸² cuja base “de trabalho era equipar todos os crentes para evangelizar incrédulos, e as células eram o seu método”.⁸³ Neighbour é um dos principais consultores de igrejas em células, contando com 25 anos de experiência no pastoreio e na implantação de pequenos grupos (células), além de ser autor de vários livros sobre esse tema, como por exemplo, *Manual do líder de célula*.

No Brasil, a Igreja em Células tomou corpo com o Ministério Igreja em Células no Brasil, presidido pelo pastor metodista Robert Michael Lay, representante do ministério do Pastor Neighbour Jr., com sede na cidade de Curitiba-PR. Robert M. Lay é Pastor Geral da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Curitiba. Discípulo de Neighbour, ele tem sido o principal divulgador de suas obras e da visão celular. As referidas obras têm sido utilizadas no treinamento das células, com destaque para os manuais aplicados no treinamento (Trilhos de Treinamento) dos membros

⁷⁷ COMISKEY, 2008, p. 26.

⁷⁸ COMISKEY, 2008, p. 26.

⁷⁹ BATISTA, Jôer Corrêa; SAHIUM, Leonardo; BATISTA, Jocider Corrêa. *G12: história e avaliação*. Goiânia: Seminário Presbiteriano Brasil Central – SPBC, 2000. p. 17.

⁸⁰ COMISKEY, 2008, p. 27.

⁸¹ COMISKEY, 2008, p. 27.

⁸² BATISTA; SAHIUM; BATISTA, 2000, p. 17.

⁸³ BATISTA; SAHIUM; BATISTA, 2000, p. 17.

das células, visando formar discipuladores e líderes. Tais ferramentas de evangelização serão estudadas na sequência deste capítulo. Lay, segundo informação obtida no website oficial, tem se destacado no trabalho de evangelismo por amizade, no Brasil e na Alemanha, bem assim na pregação da Bíblia e, ainda, no acompanhamento e aconselhamentos individuais, das igrejas e suas células. A instituição entende, segundo esse espaço na internet, que “a organização de uma Igreja em células é um retorno à comunidade cristã de base, descrita no novo testamento: **‘Cada casa uma igreja, cada membro um ministro, vivendo em Cristo de casa em casa e na grande congregação’**”.⁸⁴

3.1.2 O que é Igreja em Células

Igreja em Células pode ser definida como uma comunidade cristã evangélica estruturada em grupos pequenos ou células ou comunidades cristãs de base. Esta definição está amparada neste conceito de Comiskey: “uma igreja que coloca os grupos pequenos no centro do seu ministério. As igrejas em células posicionam os seus grupos pequenos para evangelismo e constante multiplicação”.⁸⁵ Robert M. Lay, com base nos ensinamentos de Neighbour, apresenta uma definição multiforme de igreja em células:

A IGREJA EM CÉLULAS É: uma estratégia para um programa voltado para pessoas e para a comunidade. [...] A IGREJA EM CÉLULAS É: uma estrutura com departamentos que dão apoio ao sistema de células. [...] A IGREJA EM CÉLULAS É: um sistema de células, congregações e celebração. [...] A IGREJA EM CÉLULAS É: um movimento orientado pela visão de pessoas vivendo em comunidade cristã de base.⁸⁶

Ao final, Lay define Igreja em Células como uma igreja de duas asas, que se desenvolve na “celebração do grupo grande e na comunidade de pequenos grupos”,⁸⁷ na qual as pessoas experimentam a grandeza e a intimidade de Deus. Nesse particular, o modelo de igreja celular contrasta com o modelo de igreja tradicional. A primeira, na visão desse autor, “edifica sua eclesiologia nos princípios do Novo Testamento”.⁸⁸ A segunda, “incorpora as células aos seus programas”.⁸⁹

⁸⁴ IGREJA EM CÉLULAS. Disponível em: <<http://www.celular.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

⁸⁵ COMISKEY, 2008, p. 32.

⁸⁶ LAY, Robert Michael. *O ano da transição: vamos mostrar como fazer*. Curitiba: Ministério Igreja em Célula no Brasil, 2005. Módulo 1, p. B.5-B.6.

⁸⁷ LAY, 2005. Módulo 1, p. B.1, B.7.

⁸⁸ LAY, 2005. Módulo 1, p. B.3.

A compreensão do que é uma igreja em células transita pelo entendimento do que são células. As células, na visão eclesiológica dos defensores desse modelo de igreja (Neighbour, Comiskey e Lay) são definidas nestes termos:

as células são grupos pequenos abertos focalizados no evangelismo que estão embutidos na vida da igreja. Elas se reúnem semanalmente para que os seus participantes se edifiquem uns aos outros como membros do Corpo de Cristo, e para anunciar o evangelho àqueles que não conhecem Jesus. O objetivo principal de cada célula é multiplicar-se à medida que o grupo cresce por meio do evangelismo e das conversões que seguem. Dessa maneira os novos membros são acrescentados à igreja e ao Reino de Deus. Os membros das células também são encorajados a participar do culto de celebração da igreja inteira, quando as células se encontram para adoração.⁹⁰

A unidade de célula, portanto, é uma comunidade cristã de base e constitui “o bloco básico de construção na edificação da igreja”,⁹¹ tendo à frente um líder de célula e um auxiliar de líder de célula. O líder, por sua vez, é visto como pastor dos membros da célula. Ela, composta por até 15 pessoas, reúne-se toda semana na casa de um dos membros, ajudando a formar uma relação especial entre eles.

O próximo tópico versará sobre a eclesiologia e a teologia da igreja em células, que, como já explicado, servirá para a melhor compreensão do modelo de ensino de Ralph W. Neighbour Jr.

3.2 Eclesiologia e Teologia: pressupostos

A Igreja em Células tem uma origem e um fundamento teológico. É uma igreja evangélica. Nessa vertente, é fruto da Reforma Protestante, como todas aquelas tidas como pentecostal e/ou neopentecostal, apesar de a práxis distanciar-se da ortodoxia reformada. William A. Beckham, autor do livro *A segunda Reforma*,⁹² considera a igreja em células um “movimento” e a tem como a segunda Reforma, que deu origem ao título da obra. E parte do ponto de vista de “uma igreja com seu principal ministério por meio de grupos pequenos”.⁹³ A visão é de que a estrutura e valores da igreja tradicional não constituem o modelo de Igreja contemplada no

⁸⁹ LAY, 2005. Módulo 1, p. B.3.

⁹⁰ COMISKEY, 2008, p. 20.

⁹¹ MANUAL do auxiliar de célula: o caminho para uma liderança bem-sucedida. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2004. p. 31.

⁹² BECKHAM, William A. *A segunda Reforma: a Igreja do Novo Testamento no século XXI*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2007.

⁹³ BECKHAM, 2007, p. 13.

Novo Testamento, inclusive vivido intensamente pela Igreja Primitiva. Nessa percepção filosófica e teológica, defende o retorno do modo de vida da Igreja atual à comunidade de base do Novo Testamento: “cada casa uma igreja, cada membro um ministro”.⁹⁴

Nos materiais bibliográficos pesquisados, não se encontram tópicos ou capítulos que tratam especificamente da eclesiologia da igreja em células. As informações aqui apresentadas resultam das informações extraídas das referências examinadas que, de alguma forma, remetem ou dizem respeito à doutrina ou à forma de organização do movimento, na qual está alicerçada a visão celular. Assim, de acordo com a proposta deste trabalho, tomando por base as obras citadas, a doutrina pode ser resumida nestes fundamentos: células (grupos pequenos); evangelismo; e multiplicação.

As células constituem a igreja nas casas. A fundamentação bíblica está centrada basicamente nos capítulo 2, versículos 45-47, e 20, versículos 20-21, de Atos dos Apóstolos. Tudo gira em torno da comunidade de base. Ela é o centro. A vida da Igreja está nas células, são os odres novos criados para o vinho novo (Evangelho). Beckham, citando Neighbour, compara a natureza das células às do corpo humano, destacando estas menções:

o corpo humano é composto por milhões de células, a unidade básica da vida. Semelhantemente, as células formam a unidade básica da igreja em células. Os crentes procuram ativamente relacionamentos com Deus, uns com os outros e com os não crentes em células de cinco a quinze pessoas. Esses relacionamentos estimulam cada membro a alcançar a maturidade na adoração, na edificação mútua e no evangelismo. Isso é comunidade... [...] Portanto, a vida da igreja está nas células, não em um prédio (santuário). A igreja é um ser dinâmico, orgânico e espiritual que só pode ser vivenciado na vida dos crentes em comunidade.⁹⁵

Beckham, citando o teólogo J. B. Libâneo, assevera serem os grupos pequenos a renovação da igreja, o sinal do reino e a própria Igreja.⁹⁶ E, ainda, segundo esse autor, toda a estrutura eclesiástica “existe para apoiar as células. Tudo está relacionado com a comunidade básica da célula”,⁹⁷ de modo que a célula tem uma vida e uma dinâmica peculiar.

⁹⁴ BECKHAM, 2007, p. 13.

⁹⁵ BECKHAM, 2007, p. 39.

⁹⁶ BECKHAM, 2007, p. 43-44.

⁹⁷ BECKHAM, 2007, p. 44.

De acordo com o *Manual do auxiliar de células*, editado pelo Ministério Igreja em Células no Brasil, a célula tem dois ministérios: a edificação e o evangelismo.⁹⁸ A edificação “acontece enquanto os membros cuidam uns dos outros, usando seus dons espirituais e se beneficiando dos sistemas de apoio. Cada célula está numa missão. Ela está constantemente em contato com os não-alcançados servindo a eles”.⁹⁹ O evangelismo ocorre na formação dos grupos de amizade. Constituem uma extensão evangelística da célula, “uma sub-comunidade de alcance dos perdidos”¹⁰⁰ e tem a função de agregar pessoas para a multiplicação.¹⁰¹ Nesse sentido, segundo a mesma referência, ela tem como propósito e razão de ser: “cumprir o maior de todos os mandamentos, ‘amar uns aos outros’”,¹⁰² que se manifesta de duas formas: “amar uns aos outros dentro: a célula precisa ministrar (edificação). Amar uns aos outros fora: a célula precisa se multiplicar (evangelização)”.¹⁰³

A célula (grupo pequeno) possui uma dinâmica interna que são os estágios da reunião, chamados de quatro “Es”, com duração de 90 e 120 minutos. Eles são na ordem de acontecimento: Encontro (quebra-gelo); Exaltação (adoração); Edificação (edificação); e Evangelismo (compartilhamento da visão). Cada um desses momentos tem sua razão de ser. Entretanto, por não estar nos propósitos deste trabalho, não serão examinadas tais etapas da reunião celular. As células, *de per si*, funcionam para proporcionar o crescimento da Igreja em Células. Elas servem como ferramenta de evangelismo. Os líderes e os membros são treinados para a evangelização. Cada membro tem seu papel. No treinamento, essas pessoas tomam conhecimento de estratégias voltadas para alcançar os não-crentes, classificados de “incrédulos do tipo A” e “incrédulos do tipo B”.¹⁰⁴ No tópico seguinte deste trabalho, serão apresentadas as diferenças entre tais estratégias de evangelização. A despeito do que foi visto, na prática, a célula tem a missão de se multiplicar, promover o crescimento quantitativo da Igreja. Logo, os membros são estimulados a ser discipuladores, depois de treinados, para que, no prazo de três a seis meses, a célula cresça em número de membros.

⁹⁸ MANUAL, 2004, p. 33.

⁹⁹ MANUAL, 2004, p. 33.

¹⁰⁰ MANUAL, 2004, p. 33.

¹⁰¹ MANUAL, 2004, p. 33.

¹⁰² MANUAL, 2004, p. 40.

¹⁰³ MANUAL2004, p. 40.

¹⁰⁴ NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Manual do líder célula: fundamentação espiritual e prática para líderes de células*. 4. ed. Curitiba: Ministério da Igreja em Células, 2004. p. 105.

O evangelismo pode ser tido como o segundo fundamento da eclesiologia da Igreja em Células. É o coração do ministério baseado em células.¹⁰⁵ A fundamentação são os versículos 18-20 de Mateus 28, conhecido como a “Grande Comissão”, o IDE de Jesus, e os versos 1-7 do capítulo 5 de Lucas, bem assim, em alguns casos são citados Atos 8.1 e 4 e Atos 5.42. Constitui, assim, a razão de ser e de sobrevivência do grupo pequeno e da Igreja. Sem a ação evangelística, que parte do seio das células, a Igreja deixa de cumprir o IDE e morre. A evangelização, já comentada, não acontece a esmo. Ela tem estratégia e propósito, e faz parte do planejamento de crescimento da Igreja em Células. Nada acontece por acaso. Neighbour ensina dois métodos de evangelizar os não-alcançados. O primeiro diz respeito a alguém que se interessou em participar da célula ou foi trazido por um membro do grupo. O segundo corresponde àquelas pessoas que não têm acesso diretamente à célula. Nesse caso, a evangelização ocorre por meio dos Grupos de Amizade e Grupos de Interesse, os quais são formados para evangelizar as pessoas sem relação direta com a igreja evangélica.¹⁰⁶ Cada um tem propósito e estratégia. Não é o objetivo deste trabalho o exame minucioso da eclesiologia e da teologia da Igreja em Células.

No primeiro método, a evangelização se dá no contato com a pessoa e depois com o seu “oikos”.¹⁰⁷ Neighbour, no livro *Manual do líder de célula*, relaciona uma série de procedimentos para alcançar aqueles abertos ao Evangelho.¹⁰⁸ O segundo método, de acordo com Neighbour, consiste de grupos de amizade e de interesse.¹⁰⁹ O grupo de amizade, segundo esse autor, “se forma a partir de incrédulos que pertencem aos oikos dos cristãos que integram a equipe”.¹¹⁰ Já o grupo de interesse “visa alcançar pessoas que não são do círculo dos conhecidos da

¹⁰⁵ COMISKEY, 2008, p. 24.

¹⁰⁶ NEIGHBOUR Jr., 2004, p. 103.

¹⁰⁷ Oikos. Palavra grega citada diversas vezes no Novo Testamento. Geralmente traduzida por “casa” ou todos os familiares de uma casa. Ou Oikos: o grupo primário dos relacionamentos de alguém. “Cada um de nós tem um grupo primário de amigos: pessoas que se relacionam diretamente conosco por meio da família, do serviço, de atividades recreativas e passatempos, ou por serem da mesma vizinhança. Para que façam parte do um grupo primário – do meu oikos -, deverão ser pessoas com as quais eu falo, me relaciono, compartilho [...] por nada menos que uma hora por semana”. NEIGHBOUR Jr., 2004, p. 103.

¹⁰⁸ NEIGHBOUR Jr., 2004, p. 87-88.

¹⁰⁹ NEIGHBOUR Jr., 2004, p. 102, 104.

¹¹⁰ NEIGHBOUR Jr., 2004, p. 102, 104.

equipe”.¹¹¹ Nas páginas referenciadas, Neighbour apresenta a metodologia e os elementos de formação desses grupos.

Comiskey, no livro *Crescimento explosivo da igreja em células*, reserva dois capítulos para tratar do tema evangelização. Esse fato denota a importância deste fundamento para a Igreja em Células na condição de mantenedora de sua estrutura eclesial e teológica. Em ambos os capítulos, o autor enfatiza estratégias de evangelismo semelhantes às propostas por Neighbour. Ao tratar da “Parceria no Evangelismo em Grupo”, comenta o seguinte acerca da importância desse pilar na vida da igreja: “o evangelismo em grupo é a pulsação do ministério de células”.¹¹² Cada membro é treinado em como compartilhar sua fé. E então as células trabalham juntas, puxando em conjunto as redes da grande pescaria. **“O alvo bem definido do grupo é crescer até o ponto da multiplicação”**.¹¹³ Esse autor compara o evangelismo no grupo pequeno à pesca com rede. Na pesca com rede, acrescenta, a produtividade é maior. A célula é uma rede lançada pelos cristãos, que se organizam para apanhar centenas e milhares de peixes.¹¹⁴

O terceiro fundamento seria, portanto, a multiplicação. Assim como o evangelismo é a razão da vida igreja, também o é a multiplicação. A multiplicação, da mesma forma que a evangelização, ocorre no seio da célula. É seu alvo, meta e razão de ser. Uma célula que não se reproduz está fadada naturalmente à morte ou, em última instância, à eliminação pelos pastores das congregações. O fundamento bíblico está baseado em Atos 13.2-3 e João 16.21-22. De igual modo, Comiskey reservou na referida obra um capítulo para tratar desse tema. E, nesse sentido, comenta que “os líderes de células e os auxiliares que conduziram suas células à multiplicação devem ser valorizados e elogiados em público diante de toda a igreja”.¹¹⁵

A razão da multiplicação, segundo a defesa dos autores referenciados neste trabalho, está relacionada ao cuidado e à edificação de cada membro. Justifica Comiskey que uma célula grande perde a capacidade de um edificar e cuidar do outro, destacando o fato de que “a ênfase de cada célula em evangelismo e no

¹¹¹ NEIGHBOUR Jr., 2004, p. 102, 104.

¹¹² COMISKEY, 2008, p. 106.

¹¹³ COMISKEY, 2008, p. 106.

¹¹⁴ COMISKEY, 2008, p. 108.

¹¹⁵ COMISKEY, 2008, p. 127.

crescimento de incrédulos ao grupo impulsiona o crescimento da célula. Esse crescimento contínuo impulsiona a célula a multiplicar-se para manter-se eficaz”.¹¹⁶ Além disso, acrescenta que “a célula não pode estagnar e regredir. Os membros recebem uma nova visão ao serem integrados em células dinâmicas e que se multiplicam”.¹¹⁷

Entretanto, a multiplicação em uma Igreja em Células, a despeito de relacioná-la ao cuidado e à edificação do membro, perpassa esses aspectos para um patamar prioritário de sustentabilidade da instituição na sociedade: é uma questão de vida ou morte. Esta preocupação está implícita no seguinte comentário de Comiskey: “os pastores de Bethany deixam muito claro aos líderes de célula: ‘Não permita que as pessoas do seu grupo pensem que irão ficar juntas para sempre’. Em vez disso, eles ensinam que a multiplicação da célula é a norma e que Deus coloca em tudo a habilidade de reprodução”.¹¹⁸ E ainda enfatiza que o alvo da célula é a reprodução, cujo fruto é o crescimento da igreja.¹¹⁹

A teologia, por sua vez, confunde-se com a eclesiologia. Como esta, não tem um vasto alicerce bíblico. Não há uma confissão de fé nem um conjunto de doutrina bíblica sistematizada, em que se possa apoiar. A principal base teológica está “no fato de que Deus nos moldou para viver em comunidade”.¹²⁰ A fundamentação consiste no seguinte:

DEFINIÇÃO DE COMUNIDADE: ‘Vida em parceria com outros’.

- . Pessoas que prestam contas umas ÀS outras.
- . Pessoas que se tornam responsáveis umas PELAS outras.

A COMUNIDADE É DECISIVA!

- . O sério erro existente na igreja baseada em programas (I.B.P) é a sua cegueira em relação à importância de ser uma COMUNIDADE, em que as pessoas se tornam responsáveis umas pelas outras e prestam contas umas às outras.

1. DEVEMOS COMEÇAR COM A TRINDADE

- . Por que uma Trindade?
- . Se Deus fosse UMA pessoa, poderia haver PODER...
- . Se Deus fosse DUAS pessoas, poderia haver AMOR...
- . Mas Deus é TRÊS... e com a Trindade, agora há COMUNIDADE.¹²¹

¹¹⁶ COMISKEY, 2008, p. 127-128.

¹¹⁷ COMISKEY, 2008, p. 134.

¹¹⁸ COMISKEY, 2008, p. 148.

¹¹⁹ COMISKEY, 2008, p. 24-25.

¹²⁰ LAY, 2005. Módulo 1, p. C.1.

¹²¹ LAY, 2005. Módulo 1, p. C.1.

Beckham entende esse princípio como da “comunidade encarnada” ou “Cristo em você”, designando de teologia dos grupos pequenos, cujos argumentos baseiam-se no princípio da “presença de Cristo em cada cristão e em cada grupo pequeno”, com base no texto bíblico que afirma “onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles”,¹²² de modo que conclui: “a teologia dos grupos pequenos agora tem seu foco na presença permanente do Pai, na vida encarnada de Cristo, o Filho, e na plena habitação do Espírito Santo na vida de grupo pequeno”.¹²³ Esse autor enfoca ainda “o sacerdócio universal dos crentes” e “a célula como a vida da igreja” como princípios teológicos, firmado no princípio de que “todos os cristãos são ministros e que a obra do ministério deveria ser realizada por todos os cristãos”.¹²⁴

Outro ponto teológico importante, ao qual esse autor dedicou os capítulos 8 a 11, é o princípio da igreja de duas asas, que, segundo defende, corresponde à estrutura básica da igreja do primeiro século do Novo Testamento. Na visão de Beckham, a igreja de duas asas reflete a natureza da transcendência e da imanência de Deus. A transcendência, em resumo, diz respeito à grandeza de Deus; e a imanência, à intimidade de Deus. Para o autor, a doutrina bíblica da imanência e da transcendência se aplica à forma de ser da igreja em células e se dá nas celebrações dos grupos grandes, em que todo o corpo está reunido, e na vida dos membros nas células, na condição de Cristo em nós (grupos pequenos).¹²⁵

A teologia de Lutero, para Beckham, privilegiava a igreja em células. Citando o prefácio à *The German mass and order of service* (A missa alemã e sua ordem de culto), Beckham comenta que Lutero identificou três tipos de culto ou de adoração. O terceiro, identificado pelo reformador, referia-se àquele de ordem evangélica que deveria ser realizado em uma casa, “para orar, para ler, para batizar, para receber sacramentos e para fazer outras obras cristãs”.¹²⁶

A síntese de tudo isso está no que a Igreja em Células chama de “visão”. E corresponde a estes princípios. O primeiro é a visão de alcançar os perdidos. O segundo é a visão de fazer da célula (grupo pequeno) a vida da Igreja, ou seja, o

¹²² BECKHAM, 2007, p. 19.

¹²³ BECKHAM, 2007, p. 19.

¹²⁴ BECKHAM, 2007, p. 39.

¹²⁵ BECKHAM, 2007, p. 118-119.

¹²⁶ BECKHAM, 2007, p. 137-138.

coração e a alma, o centro em que tudo converge. O terceiro é a visão de que cada membro consagre-se completamente ao senhorio de Cristo. O quarto é a visão de que cada cristão é um ministro (o sacerdócio universal dos crentes) e cada casa, uma igreja.

A estrutura funcional está baseada no arquétipo da “igreja de duas asas”. De um lado, a “asa da comunidade” e, do outro, a “asa corporativa”.¹²⁷ Na verdade, essa ideia constitui o modelo em que se organiza institucionalmente a Igreja em Células, contrapondo-se ao modelo de igreja tradicional, chamada pelos adeptos do movimento celular de igreja de programas. Na visão desse movimento em células, a igreja tradicional movimenta-se apenas com uma asa, “a corporativa”. A parábola da igreja de duas asas contada por Beckham sintetiza esse ponto¹²⁸ e os princípios que estão por trás.¹²⁹ Comungando com Beckham, Lay complementa dizendo que a Igreja em Células possui uma asa corporativa e uma asa de comunidade, enquanto que a igreja tradicional possui apenas a asa corporativa.¹³⁰ Para Lay, a asa de comunidade é a congregação de base, ou seja, as células, vivenciando o IDE (Mateus 28). A asa corporativa é formada por uma estrutura de apoio à asa de comunidade, suas atividades existem em função dessa outra. No entanto, a igreja tradicional não tem a mesma função e estrutura. A igreja vive em função de uma estrutura voltada essencialmente para programas.

Tudo isso exposto revela a natureza da Igreja em Células, em que se vislumbra a inclinação na valorização do treinamento de membros com o fim precípuo de crescimento quantitativo em detrimento do qualitativo. A taxionomia, tanto ao nível de organização eclesial, quanto ao nível de vida cristã, fundada na ideia orgânica e biológica de célula, remete à necessidade vital de multiplicação, caso contrário sucumbe.

Pautando-se sob a égide do IDE e no princípio de evangelização em massa, por meio das referidas estratégias evangelísticas, a Igreja em Células se amolda a uma máquina de produção em série de líderes, em um sistema de feedback

¹²⁷ LAY, 2005. Módulo 1, p. B.7-B.8.

¹²⁸ Anexo F.

¹²⁹ BECKHAM, 2007, p. 37-38.

¹³⁰ LAY, 2005. Módulo 1, p. B.7-B.8

(input/output),¹³¹ cuja preocupação resume-se, sem nenhuma crítica negativa, na busca da eficácia da produtividade.

Bezerril¹³² defende a tese de que o movimento celular carece de fundamento bíblico em seu modelo eclesiológico. Segundo ele, a estrutura da Igreja em Células nunca foi um modelo proposto pelos apóstolos ou conhecida pela Igreja Primitiva. Igualmente, assevera que o método de evangelização defendido por esse movimento é estranho à evangelização apostólica. O grande crescimento da Igreja Primitiva em sua época decorreu unicamente, segundo esse autor, da pregação no Templo e na sinagoga, para grandes multidões, e não nos lares. As reuniões nos lares, por sua vez, deveram-se à perseguição política do Estado. Além disso, cita que o método apostólico possuía apenas a pregação. Os textos bíblicos usados pelos proponentes do movimento são apenas para referendar suas falas sem nenhuma análise fundamentada. Por fim, ele conclui ser a Igreja em Células apenas um modelo secular de gerenciamento de empresas e megaempresas.

Por fim, tendo em conta tudo isso, a eclesiologia e a teologia determinam a visão da igreja e a forma de interagir com os fiéis e com a comunidade. A visão do movimento Igreja em Células reflete, assim, o estilo eclesiástico, teológico e organizacional. Essa forma de governo da vida da Igreja revela seu foco principal de expansão – aumento do número de membros – ante o método de evangelismo em massa, que encontra no grupo pequeno sua poderosa instrumentalidade.

¹³¹ Feedback, em Administração, é o procedimento que consiste no provimento de informação a uma pessoa sobre o desempenho, conduta ou eventualidade executada por ela e objetiva reprimir, reorientar e/ou estimular uma ou mais ações determinadas, executadas anteriormente.

¹³² BEZERRIL, Moisés C. *Igreja em células: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico*. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/igreja/igreja-celula-bezerril.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008. p. 1-4.

4 PLANO PEDAGÓGICO DE ENSINO E FORMAÇÃO NA IGREJA EM CÉLULAS

A Igreja em Células, fundada na visão do Ministério Igreja em Células no Brasil, adota o projeto pedagógico elaborado por Ralph Neighbour Jr. Sua intenção é a multiplicação de célula por meio da formação de discipuladores e líderes de grupos pequenos, cuja prática formativa vai de encontro à da formação cristã tradicional herdada da Igreja Primitiva. Nesse modo de ver, o presente item tem como escopo o exame desse processo de ensino cristão e a contribuição à educação cristã de formação integral e continuada na fé, a partir do estudo da práxis formativa dos Trilhos de Treinamento, destacando a taxionomia e o conteúdo de cada parte constituinte, de uma rápida incursão sobre a formação de líderes e da apresentação de uma conclusão sobre os elementos anteriormente analisados.

Antes de prosseguir, mostra-se fundamental apresentar a distinção entre educação e Treinamento. Em uma rápida abordagem, educação, no contexto deste capítulo, refere-se à definição introduzida no capítulo dois deste Trabalho Final no sentido de ser um processo de formação contínua para desenvolver a personalidade integral do ser humano. E tem sido confundida com treinamento. A educação está direcionada para o desenvolvimento do ser da pessoa, tanto no aspecto cognitivo, quanto social.¹³³ Treinamento, por sua vez, é um processo para adquirir habilidades e competências em uma determinada área. De acordo com Bertan e Liberati¹³⁴, está voltado para habilidades na tarefa a ser executada, para o bom desempenho profissional. Isto é, visa formar a pessoa para que domine o *modus operandi* de determinada tarefa.

Educação tem haver com o termo educar, ou seja, ministrar educação a alguém, segundo o dicionário Aurélio¹³⁵. Ou melhor, formar o ser humano em toda a sua plenitude, que de acordo com Delors¹³⁶, é a realização da pessoa que aprende a ser. No entanto, treinar não tem esse sentido. Assim, é transformar alguém em um executor, que não precisa ter tido educação. Nesse sentido, o ser humano aprende técnicas sem levar em conta uma formação básica, sem dominar os instrumentos do conhecimento, gerando pessoas inábeis, mecânicas, robotizadas e limitadas.

¹³³ MORIN, 2005, p. 65.

¹³⁴ BERTAN, Levino; LIBERATI, Maria José. Educação e Informática. Disponível em: <<http://www.abmp.org.br/textos/148.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2010.

¹³⁵ FERREIRA, [s.d.], p. 499.

¹³⁶ DELORS, 2000, p. 101.

4.1 Práxis formativa: Trilhos de Treinamento

Com base nessa proposta, este tópico está dividido em duas partes. A primeira, visando conhecer *a priori* os Trilhos de Treinamento, examina o método de ensino a partir de sua taxionomia, expondo a constituição (estrutura), as fases/etapas de capacitação e os conteúdos curriculares. Na segunda parte, depois de compreendida a dinâmica desse projeto de ensino, são estudados os elementos constituintes, destacando as categorias de conteúdos de cada material de estudo previsto no trilho externo.

4.1.1 Dos aspectos taxionômicos

O objetivo desse projeto de ensino consiste em um conjunto de ações pedagógicas voltadas à formação de habilidades atitudinais¹³⁷ dos membros de células para o exercício do discipulado e da liderança no seio do grupo pequeno. Os membros serão os agentes responsáveis, em última instância, pelo crescimento da igreja no todo. A instrução proposta é sistêmica, baseada em métodos e técnicas de ensino-aprendizagem.

O plano pedagógico está estruturado em fases de capacitação, métodos e metodologia de ensino e conteúdos curriculares de treinamento exponenciais. É intitulado por Neighbour de “Roteiros para o seu ministério” ou “Sua jornada para uma vida de ministério”.¹³⁸ O treinamento visa o membro da célula para alcançar o seu “oikos” e liderar uma célula. O modelo está representado no diagrama abaixo:¹³⁹

¹³⁷ Atitudinais porque possuem o **componente cognitivo** (conhecimentos e crenças), o **componente afetivo** (sentimentos e preferências) e o **componente de conduta** (ações manifestas e declarações de intenções).

¹³⁸ NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Roteiro para o seu ministério: mantendo seu crescimento*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005. Livro 2, p. 14.

¹³⁹ NEIGHBOUR Jr., 2005. Livro 2, contracapa.



É constituído de dois Trilhos de Treinamento: o externo e o interno. Os trilhos representam o currículo de treinamento e os respectivos componentes, correspondendo à caminhada que a pessoa faz ao longo de seus estudos. Cada trilho é formado de etapas chamadas de estações.¹⁴⁰ As etapas correspondem ao estágio de cada membro da célula em sua jornada. Juntas refletem o objetivo de cada trilho de treinamento. Cada estação, por sua vez, corresponde a um livrete. O livrete é formado pelos componentes curriculares previstos para cada estação ou etapa e seus conteúdos programáticos. É o plano de ensino. O manual, por sua vez, é elaborado por unidade, de acordo com o conteúdo programático, reunindo ações, métodos e técnicas, visando a aprendizagem atitudinal do aluno.

A visão de Neighbour é simples: a pessoa ao entrar em uma célula já é um discípulo. O primeiro passo é torná-lo um discipulador.¹⁴¹ Se, de um lado, é alvo prescrito nos Evangelhos, especialmente fundado no capítulo 28 de Mateus, por outro, é uma necessidade no âmbito da dinâmica da vida celular. A ausência de crescimento da célula redundaria, na maior parte, na morte. O discipulador é o evangelista, é a “ovelha gerando ovelha”, é o construtor de relacionamentos. Essa é sua função e meta. Segundo Neighbour, discipular corresponde à seguinte descrição:

tornar-se discipulador é importante para seu próprio crescimento espiritual. Para poder crescer como cristão você precisa aprender a dar de si mesmo após se beneficiar do cuidado dos outros. Além disso, ser discipulador é

¹⁴⁰ COMISKEY, Joel. Multiplicando a liderança: preparando líderes para fazer a colheita. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2002. p. 148.

¹⁴¹ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 4, p. 120.

vital para a célula, que é sustentada pelos relacionamentos construídos entre seus membros. O discipulado garante que haverá acompanhamento automático quando um membro está ausente, em necessidade, ou em pecado.

Quando você sente necessidade de ajuda ao ministrar ao seu discípulo, você encontrará seu próprio discipulador do seu lado, ajudando-o nessa missão.

SER DISCIPULADOR NÃO EXIGE QUE VOCÊ ENSINE

construir um relacionamento é a tarefa primordial do discipular. Não é preciso ser um instrutor – apenas um amigo preocupado. Deve haver um encontro regular entre o discipulador e o discípulo. Esse encontro não deve ser feito na hora da reunião da célula. Escolha a hora e o lugar mais conveniente para vocês dois. Mantenha contato por telefone, conforme a necessidade.¹⁴²

O currículo do trilho externo é formado de sete manuais de estudo, numerados de 1 a 7. Para Neighbour, tem a função de organizar a vida e os valores do novo-convertido no Reino de Deus,¹⁴³ a fim de prepará-lo “para alcançar incrédulos abertos ao evangelho e também aqueles mais difíceis de serem alcançados para Cristo”.¹⁴⁴ O objetivo geral dessa ferramenta é de treinar o novo-convertido a uma vida de ministério (alvo), que consiste em torná-lo um discipulador e/ou líder de grupo pequeno proativo.

Cada manual corresponde a uma estação e diz respeito ao estágio em que se encontra a pessoa em sua jornada de maturidade cristã.¹⁴⁵ A estação, além disso, serve para indicar o objetivo específico associado ao manual de estudo indicado no modelo. A primeira estação é chamada de “Começando a caminhada”. A segunda, “Entendendo o mapa de sua jornada”. A terceira, “Aprendendo a assumir compromissos”. A quarta, “Repensando o meu sistema de valores”. A quinta, “Final-de-semana – aprendendo a ser um discipulador”. A sexta, “Final-de-semana – aprendendo a usar João 3.16”. E a última, “Final-de-semana – introdução ao grupo de interesse/amizade”.¹⁴⁶

O trilho interno, intitulado de “Conhecendo a minha Bíblia”, está vinculado às estações do trilho externo, e currículo corresponde ao estudo dos livros do Antigo e do Novo Testamento. Metodologicamente, o conteúdo está dividido em quatro partes,

¹⁴² NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 4, p. 120.

¹⁴³ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 4, p. 118.

¹⁴⁴ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 4, p. 118.

¹⁴⁵ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 2, p. 3.

¹⁴⁶ COMISKEY, 2002, p. 145.

de acordo com a natureza dos livros da Bíblia: Pentateuco, História, Poesia, Profetas Maiores, Profetas Menores, Evangelhos, Atos, Cartas de Paulo e Apocalipse.¹⁴⁷

4.1.2 Apresentação

Diante dessa visão panorâmica, o plano pedagógico de Neighbour apresenta uma concepção de ensino-aprendizagem bem definida. A metodologia adotada revela-se concebida para propiciar um ano de treinamento, com o fito de tornar o membro da célula apto para uma vida de ministério no grupo pequeno. O ano de treinamento corresponde ao currículo básico desse projeto pedagógico. Todos os membros da célula obrigatoriamente passarão por este currículo.

Depois de concluída as estações, a pessoa será convidada a participar de uma segunda etapa de acordo com seu perfil e realizações, chamada de avançada, para formação de líderes. Esta fase não está prevista no presente modelo de estudo, mas é a continuidade do programa de treinamento e o alvo da Igreja em Célula para todos os membros do grupo pequeno. A metodologia desse processo será vista na sequência deste estudo. No momento, será analisado o conteúdo do trilha externo.

O trilha externo é ministrado metodologicamente em duas etapas interativas.¹⁴⁸ A primeira etapa é chamada de “Passos Básicos”. A segunda, de “Discipulado”. As etapas são interdependentes, com duração de 12 a 18 meses.¹⁴⁹

Os passos básicos são formados pelos conteúdos dos livretes: *Manual para uma vida bem-sucedida*, *Roteiro para o seu ministério* e *Firmando compromissos*, correspondendo aos materiais 1, 2 e 3 do diagrama de Neighbour. O Discipulado é constituído pelos livretes *Bem-vindo à família*, *Tocando corações – um guia prático*, *Guia do discipulador* e *Construindo pontes – abrindo corações: introdução ao Grupo de Interesse/Amizade*, referentes, respectivamente, aos manuais 4, 5, 6 e 7. Além disso, o modelo prevê dois métodos de ministração dos conteúdos. As quatro primeiras estações são feitas mediante o método de estudos semanais um a um, que ocorre fora das reuniões da célula. Cada novo-convertido da célula “recebe um

¹⁴⁷ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 2, p. 18.

¹⁴⁸ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 2, p. 18.

¹⁴⁹ NEIGHBOUR Jr., Ralph W.; EGLI, Jim. *Firmando o compromisso: entrando no Reino de Deus*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005. Livro 3, p. 5.

discipulador (membro da célula ou o líder). Com a ajuda do discipulador, o novo-convertido passa pelos vários níveis do treinamento, chamados 'estações'".¹⁵⁰ Nesse processo, o "discipulador treina o discípulo para se tornar um discipulador de outro".¹⁵¹ O segundo método de ministração, referentes às demais estações previstas no currículo do ano de treinamento, é realizado em retiro de final de semana, que suplementam o treinamento de célula,¹⁵² por um grupo de líderes, que inclui aqueles que completaram a fase anterior.

O trilho interno, *Conhecendo minha Bíblia*, dá uma visão de todos os 66 livros das Escrituras.¹⁵³ É complemento ao treinamento do trilho externo. O objetivo é que cada convertido passe por toda a Bíblia,¹⁵⁴ de Gênesis a Apocalipse. O estudo desses livros não é obrigatório em conjunto com o trilho externo. Verifica-se ser apenas uma sugestão visando aprofundar a vida espiritual do fiel. A metodologia consiste de ser visto em 52 semanas, incluindo cinco minutos diários de mensagens gravadas de áudio. A cada intervalo de seis semanas, o líder da célula ou a liderança da igreja deve realizar uma noite de perguntas e respostas para todos os participantes do curso.¹⁵⁵ Outro esquema pode ser adotado no qual o discipulador na fase de treinamento do discípulo, paralelamente ao treinamento do trilho externo, faz o acompanhamento individual desse estudo. O quadro seguinte apresentado por Comiskey no livro *Multiplicando a liderança* explica esse processo.¹⁵⁶

¹⁵⁰ COMISKEY, 2002, p. 147.

¹⁵¹ COMISKEY, 2002, p. 148.

¹⁵² COMISKEY, 2002, p. 146.

¹⁵³ NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Bem-vindo à família: um guia para sua jornada no Reino*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005. Livro 4, p. 118.

¹⁵⁴ COMISKEY, 2002, p. 151.

¹⁵⁵ COMISKEY, 2002, p. 152.

¹⁵⁶ COMISKEY, 2002, p. 151.

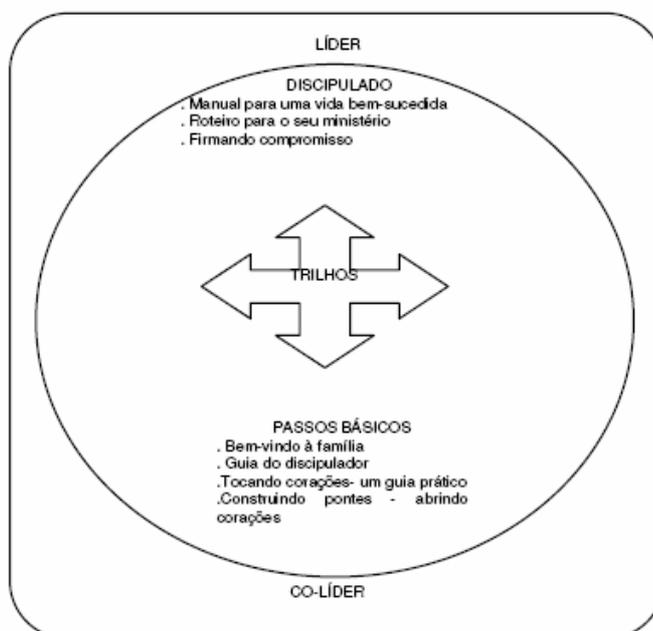
Trilho de Discipulado de Ralph Neighbour

UMA JORNADA PARA UMA VIDA DE MINISTÉRIO

Pentateuco	1	Repensando meu sistema de valores
Livros históricos/poéticos	1	Aprendendo a ser um discipuladores
Profetas maiores/profetas menores	1	Aprendendo a usar o diagrama João 3.16
Evangelhos	1	Trazendo incrédulos 'tipo A' para Cristo
Atos	1	Sendo equipado para o ministério e para a batalha espiritual
Epístolas paulinas/Epístolas gerais	1	Aprendendo a conduzir Grupos de interesse e amizade
Apocalipse	1	Aprendendo a penetrar em novos <i>oikos</i>

Por fim, o quadro abaixo resume o modelo de Neighbour exposto até agora.

Ano de Treinamento de Ralph Neighbour: Roteiro para seu ministério



Comiskey mostra esta relação entre os livretes do modelo de Neighbour e a dinâmica da célula:

- . A pessoa que não conhece a Jesus recebe instruções específicas pelo livrete Manual para uma vida bem-sucedida.
- . O incrédulo toma a decisão de seguir a Jesus e recebe o livrete Bem-vindo à sua vida transformada. Se ele não tem ainda um discipulador, o líder sugere alguém da célula para acompanhá-lo.
- . O líder da célula ou um membro maduro faz contato com o convertido e lhe entrega o Roteiro para seu ministério. O líder indica um discipulador e programa uma visita.
- . O líder da célula e o discipulador visitam e planejam a agenda do 'ano de treinamento'. O discipulador define os horários dos encontros.
- . Discipulador e discípulo se encontram cinco semanas usando o Firmando o compromisso (antigo Estação do novo-convertido).

- . Discipulador e discípulo se encontram 11 semanas usando o Bem-vindo à família.
- . Depois disso o discípulo é encorajado a tornar-se um discipulador por meio do manual Guia do discipulador, ajudando novos membros da célula.
- . Concluindo essa fase do treinamento, o discípulo aprende a ganhar incrédulos de baixa resistência (Tocando corações) e de alta resistência (Trilogia Abrindo corações).¹⁵⁷

Em resumo, o projeto de ensino da igreja em células consiste de dois momentos: (1) o ano de treinamento de células e (2) a formação de líderes. Esse último consolida o alvo para uma vida de ministério. E tem sido o instrumento usado para conduzir a célula à multiplicação. Ressaltando-se que a formação de líderes ocorre fora dos trilhos, em um nível de treinamento avançado, para membros com perfis de liderança, apesar de que a visão é de que cada membro da célula seja um líder.

A seguir, as categorias de conteúdos de cada material previsto no trilho externo serão melhores explicadas para subsidiar a reflexão acerca desse programa de treinamento da Igreja em Células. Para efeito didático, será adotada aquela divisão metodológica já vista no Ano de Treinamento: Passos básicos e Discipulado.

a) Passos básicos

Livrete 1. *O Manual para uma vida bem-sucedida*,¹⁵⁸ a despeito de fazer parte do trilho externo e corresponder à primeira estação, é uma fase que antecede o ingresso do incrédulo na célula. Este livrete inicia o processo de evangelização do não-crente pertencente ao “oikos” do membro da célula. É uma ferramenta poderosa de evangelização. O objetivo é apresentar o plano de salvação. O conteúdo está dividido em 14 capítulos. Do capítulo 1 ao 12, é estudado o plano de salvação e o caminho para uma vida bem sucedida.¹⁵⁹ Os demais apresentam ao novo-convertido uma visão geral do que é uma célula e os passos da vida cristã. O conteúdo do livrete é pedagogicamente trabalhado, passo a passo, para levar o incrédulo a tomar a decisão de entregar a vida para Jesus. Esse processo é acompanhado periodicamente pela pessoa que o presenteou com o manual. No caso da decisão por Jesus, o novo-convertido firma o compromisso pessoal impresso nas últimas

¹⁵⁷ COMISKEY, 2002, p. 147.

¹⁵⁸ NEIGHBOUR Jr., 2005. Livro 1.

¹⁵⁹ NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Manual para uma vida bem-sucedida: iniciando a jornada..* 2. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005. Livro 1, p. 42.

páginas do livrete,¹⁶⁰ que o habilita a prosseguir na jornada. Destaquem-se no compromisso pessoal estas expressões:

eu vou me unir a uma célula e considerá-la a minha Comunidade cristã de base. [...] Sabendo que a célula pode ser um marco de mudança total na minha vida e na vida de outras pessoas, comprometo-me a colocar a participação e o ministério na célula entre minhas prioridades máximas.¹⁶¹

Livrete 2. Na sequência, o novo-convertido recebe o livrete *Roteiro para o seu ministério*.¹⁶² Este material, como dito em sua terceira página,¹⁶³ é um guia que vai determinar os passos que o neófito deve dar para crescer na maturidade cristã. Esse processo é realizado ao final do material com o líder da célula, que, em tese, estabelecerá um roteiro de treinamento com o fito de conduzir a pessoa a uma vida de ministério para Deus. O principal conteúdo está no estudo das fortalezas e nas novas instruções acerca da vida na célula. Nesse último, a pessoa aprende sobre a necessidade e sobre a obrigatoriedade de, como membro da célula, sujeitar-se pelo menos ao ano de treinamento básico.¹⁶⁴ Destaque-se o modelo de como preparar o testemunho pessoal.

Livrete 3. *Firmando o compromisso*¹⁶⁵ é a terceira estação do trilho externo de treinamento. Tem o propósito de fortalecer o novo-convertido na fé, com orientações de crescimento diário. O método utilizado nas lições consiste de perguntas e respostas à medida que expõe o conteúdo. Foi elaborado para ser estudado em cinco semanas com acompanhamento do discipulador. Ao final, dispõe de uma guia do discipulador com orientações práticas para os encontros semanais com o discípulo para cada unidade.¹⁶⁶ Estas páginas são instruções práticas de como discipular com esse material e outros, constando de métodos de proceder e ministrar o treinamento.

Livrete 4. *Bem-Vindo à família*.¹⁶⁷ Este é o último módulo da primeira fase (Passos Básicos) do trilho externo. Aqui termina o treinamento do novo-convertido (discípulo) e inicia as primeiras lições para torná-lo um discipulador. O manual inclui

¹⁶⁰ NEIGHBOUR Jr., 2002, Livro 1, p. 41.

¹⁶¹ NEIGHBOUR Jr., 2002, Livro 1, p. 41.

¹⁶² NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 2, p. 03.

¹⁶³ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 2, p. 03.

¹⁶⁴ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 2, p. 14.

¹⁶⁵ NEIGHBOUR Jr.; EGLI, 2005, Livro 3.

¹⁶⁶ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 3, p. 50-61.

¹⁶⁷ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 4.

uma unidade para esse fim. O discípulo é encorajado a prosseguir o treinamento ingressando na segunda fase (Discipulado), com instruções sobre as novas estações. Além disso, o livrete agrega diversos conteúdos: nova família (oikos), novo nascimento, hábitos, orações, quarto de escuta, fortalezas, guerra espiritual, sistemas de valores, bem assim o ensino de que o discípulo é um “ministro” (sacerdote).

b) Discipulado

Livrete 5. *Guia do Discipulador*.¹⁶⁸ É o primeiro módulo do discipulado, com 11 lições. É um guia prático de como tornar-se um discipulador. Neste módulo não se ensina como compartilhar o Evangelho. Seu propósito é desenvolver no treinando habilidades relacionais, que incluem desde lições de como iniciar uma parceria, como preparar os encontros, até lidar com áreas problemáticas, prestação de contas, etc.¹⁶⁹

Livrete 6. *Tocando corações: um guia prático*.¹⁷⁰ Este material de estudo tem o propósito de preparar o discípulo no treinamento de discipulador para alcançar incrédulo tipo “A”. É um método desenvolvido por Neighbour com estratégias para evangelizar pessoas que apresentam certo perfil, ou seja, incrédulos que estão abertos para a mensagem e se dispõem a estudo bíblico e a vir para as reuniões da célula. São aquelas pessoas facilmente alcançadas.¹⁷¹ É um material prático que ensina a fazer, proporcionando orientações básicas ministradas em retiros de finais de semana. O manual está dividido em três partes. A primeira parte é um seminário realizado no final de semana chamado de “Tocando corações”. A parte dois são orientações diárias para o crescimento da pessoa relacionadas à visão doutrinária da Igreja em Células, como também o ensino do método de evangelização “João 3.16”, e à colocação de questões práticas que o treinando vai se deparar na evangelização de incrédulos. Por fim, a terceira parte são instruções de como levar ao conhecimento da célula pessoas do tipo “A” que estão sendo evangelizadas.

¹⁶⁸ NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Guia do discipulador: o ano de treinamento*. 2. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2004. Livro 5.

¹⁶⁹ NEIGHBOUR Jr., 2004, Livro 5, p. 5-53.

¹⁷⁰ NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Tocando corações, um guia prático: alcançando incrédulo tipo A*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005. Livro 6.

¹⁷¹ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 6, p. 10.

Livrete 7. *Construindo pontes, abrindo corações*.¹⁷² O objetivo deste manual é treinar o discipulador para alcançar pessoas que não têm interesse pelas coisas espirituais – classificadas como do tipo “B”. O incrédulo tipo “B” são as pessoas não-alcançadas, precisando de preparo (cultivo) e apresentam estas características: tem consciência, mas não é receptivo e/ou não tem conhecimento do Evangelho. Segundo Neighbour, elas são objeto de evangelização mediante grupos de amizade ou interesse, uma vez que, de alguma forma, são abertas para o mensageiro¹⁷³ e constituem o maior desafio na vida de um cristão. O material é usado durante o retiro de treinamento de evangelismo. E está dividido em três etapas.¹⁷⁴ A primeira, *Construindo pontes*, é teórico e dura 7 semanas. O discipulador aprende como alcançar os incrédulos do tipo “B”, que são convidados a participar do grupo de interesse. No retiro, é ensinado “como fazer”, mediante processo de três fases (cultivar, semear, colher), cuja ênfase é o relacionamento e o aprendizado de técnicas de comunicação e persuasão.¹⁷⁵ A segunda é formando grupos. É a etapa prática do treinamento, com duração de 10 semanas. Nesse momento, o discipulador, junto com mais dois, inicia um grupo de interesse com a participação de incrédulo tipo “B”, com reuniões que ocorrem uma vez por semana. Nesse momento, será usado um novo manual – *Construindo grupos*. A terceira, *Despertando a consciência*, dá-se logo após o término das 10 semanas. É um momento de consolidação daqueles que participaram do grupo de interesse. A equipe concentrará esforços para conhecer os familiares e amigos daquelas pessoas. “Ao expandir a consciência dessas pessoas, algumas delas serão atraídas a Cristo por meio da mensagem do seu amor por elas”.¹⁷⁶ É o que Neighbour chama de “pescar com redes”. A fase seguinte consiste em levar essas pessoas para o grupo de amizade e depois para as reuniões da célula. Na célula, como membros no processo de evangelização, serão submetidas aos trilhos de treinamento e assim inicia-se todo o processo de treinamento previsto nos trilhos.

¹⁷² NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Construindo pontes, abrindo corações: alcançando incrédulo tipo B*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2002. Livro 7.

¹⁷³ NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 6, p. 10-11.

¹⁷⁴ NEIGHBOUR Jr., 2002, Livro 7, p. 6-7.

¹⁷⁵ NEIGHBOUR Jr., 2002, Livro 7, p. 90-113.

¹⁷⁶ NEIGHBOUR Jr., 2002, Livro 7, p. 7.

4.2 Formação de líderes

A formação de líderes é o alvo da Igreja em Células, assumindo, assim, um papel importante na vida ministerial e formativa do membro do grupo pequeno. Apesar desse fato, como já discorrido neste capítulo, não faz parte da concepção do plano pedagógico dos trilhos de treinamento, constituindo-se uma etapa à parte e sucessiva à sua conclusão. Por isso, não sendo objeto deste trabalho, neste momento apenas será dada, em linhas gerais, uma visão dos critérios e dos componentes.

A formação de líderes nesse modelo se dá a partir dos trilhos de treinamentos. Estes constituem um das condições para o ingresso nessa etapa de preparação para o ministério de líder de célula. Entretanto, não basta ter concluído os trilhos de treinamentos, é imperativo que, como participante de uma célula, tenha apresentado os seguintes comportamentos: (1) aprendido a ganhar incrédulo “tipo A” e “tipo B” para Cristo; (2) sido responsável por pelo menos uma pessoa; (3) visto pelo menos uma pessoa aceitar a Jesus e participado da célula que participa; (4) experimentado o poder de Deus, etc; (5) indicado pelo líder da célula.¹⁷⁷

O candidato a líder de célula, no programa de treinamento, inicia o curso na condição de auxiliar de célula, inicialmente, orientado pelo líder da célula na qual participa. Observada sua aptidão, é indicado para o treinamento. O treinamento é realizado em duas etapas. A primeira etapa obedece a programação para o fim de semana do auxiliar e é realizada durante dois dias.¹⁷⁸ É ministrada pelo pastor da igreja, supervisor de área, pastor de área ou líder de célula mais experiente. As sessões simulam reunião de grupo pequeno e as instruções são em duplas ou em grupos (atividades práticas). A segunda etapa corresponde a um treinamento de oito semanas, com tarefas práticas e de leituras.¹⁷⁹ O objetivo dessa etapa é proporcionar ao treinamento “experiências nas áreas de pastoreio, organização, preparo e reforço da visão”.¹⁸⁰ Essa etapa obedece a roteiro de estudo para cada encontro com “objetivo e ênfase no aspecto prático do aprendizado”.¹⁸¹ O curso utiliza três livros básicos de estudo: *Manual de auxiliar de célula*, *Manual do líder de*

¹⁷⁷ MANUAL, 2004, p. 07.

¹⁷⁸ MANUAL, 2004, p. 11-12.

¹⁷⁹ MANUAL, 2004, p. 148-161.

¹⁸⁰ MANUAL, 2004, p. 21.

¹⁸¹ MANUAL, 2004, p. 146.

célula, e *Ponha ordem no seu mundo interior*. Ao final dessa etapa, o auxiliar de célula será avaliado e habilitado para a formatura.¹⁸² Formado, ele estará habilitado para liderar uma célula, partindo do pressuposto que já tenha iniciado uma antes de seu ingresso no curso de formação.

4.3 Considerações acerca da análise realizada

Posto isso, este item visa apresentar a conclusão do estudo feito nos tópicos anteriores deste capítulo do plano pedagógico utilizado pela Igreja em Células como instrumento de educação cristã. Antes, convém ressaltar estas considerações. O movimento Igreja em Células inovou o modo de evangelização. Em função desse *modus operandi*, reflexo da visão eclesiológica e teológica,¹⁸³ foi sendo desenvolvido no cenário evangélico um modelo de ensino-aprendizagem cristão. Em vez da forma de educação cristã praticada pelas igrejas tradicionais, denominadas pelos adeptos do movimento celular como igreja de programas, adotou-se uma prática formativa que desvaloriza a formação cristã continuada na fé e desconstrói a Escola Bíblica. Visto isso, abordam-se na sequência as conclusões dessa reflexão.

Do exame realizado, destacam-se estes pontos merecedores de particulares comentários. Primeiro ponto: a adoção de um sistema peculiar de treinamento voltado para o membro da célula tem a precípua função de equipar a pessoa para o ministério, formando discipuladores e líderes de células comprometidos com a visão celular. O sistema é fechado, não se abre para a formação geral do membro. É um ciclo que se repete em suas sucessivas etapas previsto nos trilhos de treinamento, uma vez que visa formar indivíduos à execução de tarefas previamente estabelecidas: aprendem a ser e a fazer o que lhes são propostos. O grupo pequeno tornou-se meio e ambiente para alcançar esse alvo (fórum para o ministério, treinamento e evangelismo). Nesse particular, todo arcabouço pedagógico gira em torno da principal função de multiplicação da célula ou grupo pequeno, de forma que, nesse processo, a proposta de ensino resulta em um conjunto de ações tendentes à formação de indivíduos restritos à visão ideológica da Igreja em Células.

¹⁸² MANUAL, 2004, p. 164.

¹⁸³ Principalmente os princípios de que “cada casa, uma igreja” e do “sacerdócio universal dos crentes”.

Segundo ponto: inexistência de uma proposta de ensino que propicie desenvolvimento integral e continuado do indivíduo. A ideia de Paideia cristã é ausente desse projeto de educação cristã, sem a perspectiva de formação cristã integral para a vida, ou seja, de uma educação universal que tem por tarefa construir o ser humano como pessoa e como cidadão. Não se tem em mente que todo nascido de novo – o novo convertido –, à luz dos ensinamentos de Hebreus e do Apóstolo Paulo (Hebreus 4.5-12; 1 Coríntios 3.2), é uma criança. E como tal, primeiro, necessita de leite, e depois, de alimento mais sólido, permitindo, assim, que a pessoa atinja o estado de plenamente desenvolvido, tendo aflorado toda sua espiritualidade, a do cristão tornado realmente cristão. Revela-se, assim, um sistema fechado, entrópico. De forma que, os princípios inerentes à educação cristã estudada ao longo deste trabalho não se vislumbram nessa concepção de ensino. Para Morin, o papel da educação cristã é ensinar o indivíduo a viver, ou seja, aprender a ser em todos os aspectos da vida. Essa ideia firma consenso com a de Borges de formar a personalidade humana.¹⁸⁴ Naturalmente, a visão celular é contrária a esse pensamento, já que em sua idealização de ensino cristão, baseada em sua eclesiologia, não concebe uma formação integral e continuada na fé. Sobressai nesse modelo a ideia de “uma vida de ministério”, com viés espiritual, cujo significado traduz-se em o membro da célula tornar-se um operador do Evangelho, ora discipulador, ora líder, em constante construção de relacionamentos. À luz de Calvino, a educação cristã não se restringe à formação espiritual, mas igualmente às demais relações do ser humano, como ser social e relacional, no âmbito da existência, porquanto foca o ser humano como um todo, integral. De modo que, levar um membro do grupo pequeno a “uma vida de ministério” é, de forma oposta à visão celular de ensino, conduzir o neófito e o mais antigo na fé a uma formação contínua e integral para toda vida. Em suma, não se vislumbra o aprendizado, de caráter progressivo, capaz de produzir uma metamorfose na vida e no ambiente do ser humano, como pessoa e cidadão.

Terceiro ponto: o *modus operandi* de ensino-aprendizagem restrito à formação de competências atitudinais. Esse mecanismo revela-se uma característica importante na concepção pedagógica dessa metodologia de ensino cristão. Nesse processo, destaca-se a primazia do componente da conduta em

¹⁸⁴ BORGES, 2002, p. 215.

detrimento dos cognitivo e afetivo, mostrando-se importante na formação do membro da célula. É ele, *contrario sensu*, que vai imprimir na pessoa algo relacionado à responsabilidade e ao dever de ser efetivamente um semeador do Evangelho. Ao tempo que, por um lado, é algo bom, por outro, é um elemento opressor, causador de culpa naquele membro que não consegue atingir a meta imposta pelo líder, que, invariavelmente, é alcançar e trazer pessoas para a célula, com o intuito de multiplicá-la. Ademais, a ideia contraria os ensinamentos de Comenius de formação do homem cristão baseada em uma educação universal, respeitando-se os estágios de desenvolvimento no processo de aprendizagem e na construção do conhecimento, que deveria perseguir as seguintes ações de ensino: “coerência de propósitos educacionais entre família e escola, desenvolvimento do raciocínio lógico e do espírito científico e a formação do homem religioso, social, político, racional, afetivo e moral”.¹⁸⁵ Na verdade, o membro da célula, tanto quanto o discipulador ou líder, é um robô programado com ações e atitudes preestabelecidas, que têm apenas um propósito de ser e existir. Sob esse ponto, cabe destacar o fato de que a educação cristã, nesse sentido, deve ser capaz de estimular a pessoa ao aprendizado ao longo da vida, em Cristo. A limitação leva, nas devidas proporções, à miopia, ilhamento às alteridades e às relações interpessoais, dentro e fora da igreja, deformando a personalidade do ser. Porquanto, não é missão da Igreja de Deus produzir operários programados para executarem certas tarefas pré-estabelecidas como em uma colmeia, com a função de multiplicar, assim como fisiologista, proselitista e massa de manipulação. Ao contrário, deveria formar cristão capaz e fundado em uma boa doutrina, com ideias próprias, apto a toda boa obra, não apenas como espectador, mas, além disso, como ator. A consequência de tudo isso, é abstrair do ser o direito de aprender a ser, mediante o trânsito pelos pilares do conhecimento.

Quarto ponto: não levam em conta as etapas do desenvolvimento humano, inclusive da fé. O modelo, conceitualmente, centra-se apenas no primeiro pilar do conhecimento: aprender a aprender. Na implementação dos trilhos de treinamentos, não se vislumbra a ideia de o aluno vir a alcançar o próximo estágio do conhecimento humano. O que, por sua vez, provoca sérias consequências para o desenvolvimento do caráter e da personalidade da pessoa. A práxis formativa se

¹⁸⁵ COMENIUS. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/comenius.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2009.

distancia da proposta de educação preconizada pela Comissão da UNESCO de que a educação deve se organizar em torno dos quatro pilares do conhecimento. Na medida em que são fundamentais para o indivíduo ao longo de toda a vida, a educação praticada pelo movimento celular deixa de ser considerada em toda a sua plenitude, ou seja: “realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser”.¹⁸⁶ Vê-se, então, a deficiência dessa ferramenta: em sua limitação, não tem a competência de modelar o recém-convertido à compreensão de si mesmo e do mundo. Com base nesse fato, a proposta de educação da Igreja em Células sedia-se no primeiro pilar do conhecimento: aprender a conhecer. Visto que, contrapondo-se ao princípio norteador desse pilar ensinado por Delors: aprender a aprender, mirando um desenvolvimento ao longo da vida, como base para novos conhecimentos e realização completa do indivíduo, forma, assim, pessoas sem competências para os demais aspectos da vida cristã, seja da Palavra de Deus, seja das ciências. Contrário, portanto, ao princípio da vida cristã que visa crescimento, não se resumindo à evangelização, a ser discípulo e discipulador: Jesus Cristo é o parâmetro. E sendo o parâmetro, vai além da visão celular de não formação continuada e integral do ser humano. Recordando as lições de Downs, em *Ensino e crescimento*, o ensino, desde o início da jovem nação judaica, no Antigo Testamento, pautava-se na progressão do aprendizado.¹⁸⁷ Segundo, para Fowler, o ser humano tem um passado.¹⁸⁸ E esse passado é formado por acontecimentos, pessoas e experiências que moldaram a sua razão de ser. E tudo isso dá sentido à vida e orienta a existência, que, por sua vez, não se amolda ao novo padrão de vida, a cristã. A pessoa, nessa fase de desenvolvimento, está em um estágio de fé que na conversão foi reorientada, mas que, em Cristo, requer novo construto, redirecionamento das virtudes da fé, da “nova identidade em relação a novo centro de valor, novas imagens de poder e nova estória mestra”.¹⁸⁹ E esse processo leva tempo, normalmente, uma vida inteira. Por isso, a visão de ensino celular não se presta nessa competência de formar a identidade de Cristo no cristão, que navega nas águas do desenvolvimento da fé, cujo processo é lento, progressivo, e envolve, por vez, a reconstrução dos estágios indicados por Fowler, agora com conteúdo de

¹⁸⁶ DELORS, 2000, p. 90.

¹⁸⁷ DOWNS, 2001, p. 31.

¹⁸⁸ FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: SINODAL, 1992.

¹⁸⁹ FOWLER, 1992, p. 238.

imagens, valores e compromissos diferentes, para formar a nova personalidade.¹⁹⁰ Norbert Mette, citando G. Bussmann, no tópico “Aprender a fé no decorrer da vida”, comenta que o desenvolvimento da fé é um processo que se completa “durante a vida inteira sobre experiências críticas, da primeira infância à madura idade adulta, e que abrange todo o desenvolvimento da personalidade”, bem assim “dirige-se de uma progressiva descentralização da visão de mundo, ainda egocêntrica na primeira infância, até a formação de um ponto de vista universal”.¹⁹¹

Por último, cabe destacar a visão de Neighbour acerca do discipulador. A ideia do plano de ensino é tornar o membro discipulador sem que antes possa ser um discípulo. Tudo acontece rápido, o tempo de ser discípulo é de apenas duas estações (livretes 2 e 3). Este aspecto é notado na lição de Neighbour quando revela sua visão de discipulador, cujo trecho já foi mencionado neste trabalho.¹⁹² Não há tempo para o indivíduo se desenvolver e amadurecer enquanto recém-convertido. Isto remete aos conceitos desenvolvidos por Fowler referentes aos estágios da fé. Uma vez que ser discípulo de Jesus perpassa a visão de discipulado da visão celular, envolve ser e fazer. Ser, na condição de nascido de novo, novo ser humano, consciente dessa condição e obediente. Fazer, no sentido, como já visto em tópico anterior deste trabalho, de estar preparado para ensinar, o que necessita de competências, aprendidas no aprender a conhecer, no aprender a viver juntos, dominando os instrumentos dos saberes, conhecedor de Deus, de si mesmo, ante o estudo da Palavra e nela capacitado. Tudo isso, contrário ao ensinado pelo movimento celular, amolda-se à proposta de educação cristã reformada, ensinada por Jesus e vivenciada pela Igreja Primitiva, de formação universal para toda a vida. A educação cristã, portanto, não é vista como um processo com fases encadeadas e interativas e interdependentes de transformação do ser de dentro para fora.

En passante, a Igreja é parte desse processo. Ela é responsável por uma educação nesse patamar. É a doadora, por excelência, de pessoas à comunidade com competências conseguidas através dos referidos pilares capazes de conviver em um ambiente plural e relativista, sem perder de vista: a missão maior, evangelização; a natureza do ser humano; e a visão de si mesmo, como agência do

¹⁹⁰ Os estágios da fé descritos por Fowler são: primeira fé, fé intuitivo-projetiva, fé mítico-literal, fé sintético-convencional, fé individuativo-reflexiva, fé conjuntiva e fé universalizante.

¹⁹¹ METTE, Norbert. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 168.

¹⁹² NEIGHBOUR Jr., 2005, Livro 4, p. 120.

Reino. A história da igreja cristã é uma prova de todos esses fatos. Eis então estes elementos.

No Antigo Testamento, o ensino e o aprendizado estavam voltados para a obediência na vontade de Deus e para o entendimento de como viver. Segundo Downs,¹⁹³ os professores não estavam somente preocupados em passar a informação, mas inculcar o povo à obediência aos mandamentos de Deus. O conhecimento seria uma consequência da prática de vida, que, em última instância, revelava o temor do Senhor. Esse autor elucida que “aprender a Lei de Deus não era algo divorciado da vida, mas antes algo que controlaria toda a vida”.¹⁹⁴

No Novo Testamento, o ensino cristão não se mostrou diferenciado das diretrizes divinas do Antigo Testamento. Jesus Cristo inaugura a era cristã e estabelece fundamentos de uma Igreja com base na educação. Seus ensinamentos modelaram o que viria a ser a Igreja Apostólica nos três primeiros séculos de nossa era. Os discípulos foram os primeiros alunos que, formados mestres, tinham a missão de dar continuidade ao projeto pedagógico estabelecido por Jesus, que visava o fortalecimento e o crescimento da Igreja, tanto sob o aspecto quantitativo quanto qualitativo. A base pedagógica estava fundamentada na educação judaica, que se baseavam nos escritos da Lei e dos Profetas.

Jesus inicia um projeto de educação diferenciado dos demais de sua época. Seu programa educacional é universal e destinado a homens e mulheres indistintamente, independente de cor de pele, nação, raça/etnia e status social. Borges, quando se reporta à pedagogia cristã, conta que a proposta do cristianismo é transformar a personalidade da pessoa de dentro para fora e as relações de todos os tipos e em todas as áreas da vida humana.¹⁹⁵ Jesus vislumbrava não só a transformação da pessoa, mas igualmente torná-la agente de transformação, capaz de influenciar tudo e todos em sua volta, na condição de luz do mundo e sal da terra.

No primeiro século, o ensino cristão era ocupado por oficiais da igreja, conhecidos como apóstolos, profetas e mestres. Eles tinham, segundo Nichols, a incumbência de ensinar o Evangelho. Seu ofício não se dava pela indicação de qualquer autoridade, mas por revelar estarem habilitados pelos dons do Espírito

¹⁹³ DOWNS, 2001, p. 27.

¹⁹⁴ DOWNS, 200, p. 26.

¹⁹⁵ BORGES, 2002, p. 37.

Santo.¹⁹⁶ Tomando o povo judeu como exemplo, as sinagogas, além dos lares, foram muito usadas como centro de educação de jovens e adultos.

Nos séculos seguintes, a forma de instrução não mudou muito, não há relatos contrários. A Igreja Antiga ou Primitiva assumiu a instrução de seus adeptos ao molde da concepção judaica já influenciada pelos conceitos de educação grego-romana. A Igreja passou a ter uma organização eclesiástica mais definida e formal. Nesse período, o cristianismo alcançou progresso e com ele surgiram missionários, que ensinavam a fé, e apologistas ou defensores intelectuais do cristianismo e de sua doutrina. Estes realizaram o trabalho de mestres nas igrejas e foram importantes personagens no desenvolvimento do cristianismo naqueles dias. Dentre os mais populares, destacaram homens como Justino, o Mártir, Tertuliano e Orígenes.

Entretanto, as transformações ideológicas pelas quais o mundo foi influenciado, especialmente no transcurso da modernidade para a pós-modernidade, vêm desviando a igreja contemporânea da concepção pedagógica da Igreja Primitiva. Ela perdeu a visão “bíblica de Paideia”. Possivelmente, o baixo crescimento quantitativo do rol de membros e frequentadores, perceptível no decurso da modernidade à pós-modernidade, diante das alterações dos valores morais, éticos e culturais da sociedade, e da incapacidade de deglutir tais mudanças, tenha levado a Igreja a reinventar-se fora de si mesma. Logo, a evangelização desviou-se da ênfase de proclamar as boas novas de salvação genuína e transformadora do indivíduo para a recuperação de números de pessoas com o propósito de encher os templos vazios.

Ao longo das últimas décadas, a instrução cristã, praticada em algumas igrejas protestantes, que migraram para o modelo em células, tem-se afastado da percepção pedagógica da Igreja Primitiva, perdendo a centralidade e os parâmetros conceituais da “Paideia bíblica”. Os ensinamentos de caráter cristão deixaram de formar o ser humano e o cidadão a exemplo de Atos 2.

A vida cristã da Igreja Primitiva descrita em Atos 2.42 deve ser interpretada no conjunto dos eventos, e não isoladamente dos fatos históricos e teológicos da conversão das pessoas, com o conseqüente crescimento dos fiéis, depois de Pentecostes. O ingresso na família de Deus conduzia o neófito a experimentar não

¹⁹⁶ NICHOLS, 2000, p. 35.

só uma transformação interna, do velho para o novo ser humano, mas externa, de mudança de vida a níveis profundos de comportamento e relacionamento com Deus e com o mundo, rumo à maturidade em Cristo, patrocinada pela interação dos meios: ensino, comunhão, adoração e comunidade.

Segundo explicita Downs, a instrução, a comunhão, a adoração e a comunidade foram usadas como meios de edificação dos neófitos.¹⁹⁷ Todos os meios levavam o novo convertido a uma vida madura, como discípulo e líder, à medida da plenitude de Cristo. O conjunto favorecia e conduzia a um resultado positivo e esperado por Jesus e pelos apóstolos para o crescimento quantitativo e qualitativo da agência do Reino de Deus.

Hoje, entretanto, a igreja tradicional vem perdendo a visão desse conjunto. A ênfase se voltou para a comunidade e a adoração. O ensino tornou-se treinamento de liderança em última análise. A unidade desse conjunto se rompeu, e a Instrução integral e continuada na fé foi descaracterizada, porque, como exposto, a instrução, a comunhão, a adoração e a comunidade deixaram de ser vistos como meios interdependentes. Uma vez que, isolados, *de per si*, ou ausentes, não produzem o resultado visto e experimentado pela igreja de Atos dos apóstolos. A falta de um componente prejudica a fórmula, a reação em cadeia não acontece com exatidão. E, conseqüentemente, surgem os efeitos colaterais: crescimento quantitativo sem o qualitativo; pessoas sem aperfeiçoamento, vacilantes e inconstantes, “nuvens sem água, levadas pelo vento” (Jd 12).

Nesse contexto, massificados pelo padrão sociocultural da pós-modernidade, os infantes e adolescentes sofrem um enorme prejuízo no processo de formação de suas identidades. Gisela Streck, em o artigo publicado no IV Simpósio de Ensino Religioso, ao tratar sobre o adolescente e a identidade nessa etapa de metamorfoses e conflitos, alerta sobre a importância dos valores e das crenças na formação da personalidade do indivíduo como ser humano.¹⁹⁸

Por fim, à luz da análise realizada do projeto pedagógico da Igreja em Células, baseado na concepção de ensino de Ralph Neighbour Jr. O movimento celular, por natureza, resume-se em um sistema de ensino cristão com ênfase no

¹⁹⁷ DOWNS, 2001, p. 31.

¹⁹⁸ STRECK, Gisela I. W. *Adolescência e identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade*. In: KLEIN, Remi; WACHS, Manfredo C.; BRANDENBURG, Laude E. *IV Simpósio de Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 203-204.

treinamento de líderes e na formação de discípulos geradores de discípulos, em detrimento a uma educação cristã de formação integral e continuada dos fiéis. Por consequência, a escola bíblica é desprezada e descaracterizada, uma vez que, como ferramenta de ensino cristão da igreja cristã tradicional, não é vista como adequada ao modelo eclesial de crescimento quantitativo. Apesar de o grupo pequeno, na forma concebida pelo movimento celular, ser uma grande ferramenta de evangelismo, conclui-se, em razão dos argumentos colocados neste estudo, que o ensino cristão propiciado pela Igreja em Células não constitui uma ferramenta capaz de contribuir, em seus estágios e metodologias, a uma educação cristã de formação integral e continuada na fé. Pelo contrário, essa concepção se contrapõe à práxis e à cultura educacional cristã da igreja reformada. Sua mudança desvaloriza e desconstrói a escola bíblica, que busca tratar o indivíduo e formá-lo como um todo para a vida. Todavia, em que pese tudo isso, a proposta pedagógica de Neighbour traduz-se em uma excelente ferramenta didática para promover um ciclo ininterrupto de novos obreiros capazes de conduzir a célula e a igreja à multiplicação. E tal aspecto não deve ser perdido de vista.

4.4 Proposta de modelo pedagógico

No pano de fundo dos primeiros séculos do cristianismo, a igreja de Atos, ao assumir o papel de agente educadora do Reino no molde bíblico, não via a educação como algo opcional, mas como uma ordenança divina. Nesse ambiente, o ensino bíblico surge como resposta à necessidade da igreja de cumprir sua missão centrífuga¹⁹⁹ e seu papel de agente de transformação do Reino, ainda que, diante de uma tarefa clara e definida, careceria de meios humanos para conduzir o neófito à mudança integral e permanente de vida. Lutero e Calvino não entenderam diferentemente. A literatura da história da igreja cristã relata a importância da instrução nas vidas, nas obras e nos ministérios desses reformadores. Escolas e universidades, à luz da pedagogia bíblica, foram criadas para formar todas as

¹⁹⁹ A ideia de missão centrífuga é aplicada à Igreja do Novo Testamento. É contrária à missão centrípeta de Israel no Antigo Testamento. A Igreja do Novo Testamento tinha como missão afastar do centro, de si, para a comunidade. As nações e povos já não mais viriam até a Igreja, ao contrário, ela agora iria ao encontro de todas as nações e povos para lhes tornar conhecido Deus, em Cristo Jesus, visando a salvação dos perdidos. A expansão da Igreja presenciada em Atos dos Apóstolos é um exemplo de missão centrífuga. No contexto, enquanto a incipiente igreja tendia a voltar para si mesma (centrípeta), permanecendo em Jerusalém, Deus enviou perseguições sobre ela para que se espalhasse por toda Judeia, Samaria e até os confins do mundo, a fim de proclamar o Evangelho e fazer discípulos (IDE de Mateus 28).

peessoas.²⁰⁰ A Reforma continuou primando pelo caráter divino da educação.²⁰¹ De modo que, nesse sentir, apresenta-se neste trabalho uma proposta de modelo pedagógico que privilegia tanto a ideia de grupos pequenos como a de escola bíblica de formação continuada e integral do cristão para a vida, favorecendo o conjunto instrução, comunhão, adoração e comunidade, para aquelas igrejas tradicionais que migrem para o modelo de Igreja em Células.

A proposta é simples. Consiste em aliar a concepção de Neighbour de treinamento de discipuladores e líderes, imprescindível à metodologia de evangelismo proposta pelo movimento celular, ao modelo de escola bíblica praticada pela igreja tradicional, inserida em uma estrutura curricular programática – transdisciplinar e transversal. Contrário ao que se imagina, esta junção não se mostra antagônica. Nessa visão, os trilhos de treinamentos, adaptados à estrutura da igreja reformada, seriam inseridos no contexto da escola bíblica. O modelo de ensino da Igreja Presbiteriana de Manaus assemelha-se a esse aspecto.

As etapas previstas nos trilhos seriam mantidas e com a mesma metodologia de ensino, obedecendo ao seguinte esquema. O trilho externo teria este formato: (1) Os passos básicos (livretes 1, 2 e 3) manteria a mesma metodologia; (2) o discipulado (livretes 4, 5, 6 e 7) seria inserido na estrutura da escola bíblica, como disciplina. O trilho interno, *Conhecendo minha Bíblia*, obedecido o mesmo conteúdo, igualmente, seria incorporado como disciplinas, com pré-requisito, à estrutura da escola bíblica, obrigatória para todos os membros, depois de feito o trilho externo. Os retiros de finais de semanas não mudariam e permaneceriam como programação de consolidação daqueles ingressos aos pequenos grupos na fase dos passos básicos. O grupo pequeno continuaria com a mesma função, sendo equipado para o evangelismo e a multiplicação. A etapa de formação de líderes, igualmente, seguiria as mesmas instruções e requisitos propostos por Neighbour, mas como disciplinas pertencentes à estrutura da escola bíblica. As demais disciplinas (classes) da escola

²⁰⁰ NICHOLS, 2000.

²⁰¹ Ressalte-se, todavia, que a Escola Dominical de nossos dias somente nasceu no ano de 1780 em Gloucester, Inglaterra, com Roberts Raikes, jornalista e homem de negócio preocupado com os problemas sociais de seu tempo. Até então os ensinamentos cristãos eram praticados nas sinagogas, lares, espaços eclesiais. Foi com João Wesley que esse movimento, inicialmente ligado às atividades fora da Igreja, tornou-se um ministério educacional cristão. No Brasil, a Escola Dominical foi trazida pelos primeiros missionários, Dr. Robert Reid Kalley e Sarah Kalley, sua esposa, em 19 de agosto de 1855. A partir de então, tornou-se uma ferramenta eficiente e eficaz de formação cristã da igreja brasileira.

bíblica seriam articuladas e integradas de forma a dar continuidade, com temas transdisciplinares e transversais, à formação continuada na fé e integral dos membros, contemplando a infância, a juventude e os adultos, bem como a terceira idade. No Anexo D é apresentado o diagrama do protótipo desse projeto pedagógico.

CONCLUSÃO

Nas últimas décadas, tomou corpo no Brasil as chamadas Igrejas em Células, cuja concepção de evangelismo revelou-se contrária à prática e à cultura das diversas comunidades religiosas tradicionais, especialmente reformadas. De início, o evangelismo baseia-se no relacionamento, buscando alcançar não só a pessoa-alvo como também parentes e amigos, o “oikos”. A pesca com redes em vez de com anzol. A inovação na evangelização introduziu também novidades no modelo de ensino cristão. A forma de instrução das igrejas tradicionais da reforma protestante foi substituída pela práxis pedagógica da Igreja em Células, que desvaloriza a escola bíblica e a formação continuada na fé.

Então, o estudo desenvolvido neste trabalho permite estas conclusões referentes à práxis de instrução cristã adotada pela Igreja em Células. Primeiro, verifica-se um desvio da concepção pedagógica de educação cristã da Igreja Reformada de caráter universal e continuado, perdendo a visão bíblica de paideia, sendo substituída por ciclos de treinamento chamados de “trilhos” e de “finais de semana”. Segundo, a concepção de ensino de Ralph Neighbour Jr. resume-se a um sistema com ênfase no treinamento de discipulador e líder de célula ou grupo pequeno, com prejuízo à formação continuada e integral dos fiéis. Terceiro, a escola bíblica, com base na visão dogmática da Igreja em Células (eclesiológica e teológica), é desprezada e descaracterizada, uma vez que, como instrumento de ensino da Igreja Reformada, capaz de propiciar o desenvolvimento e o caráter do cristão ao longo da vida, não é vista como adequada ao modelo eclesial de crescimento quantitativo. Quarto, por outro lado, o modelo estudado é uma excelente ferramenta para promover um ciclo ininterrupto de novos obreiros capazes de conduzir a célula e a igreja à multiplicação, mediante crescimento quantitativo, sem o aspecto qualitativo. Em resumo, a concepção de ensino proposto e praticado pela Igreja em Células não corresponde a um instrumento que patrocine uma educação cristã continuada e integral na fé, nos moldes da praticada pela Igreja Primitiva, que visa tratar o indivíduo e formá-lo como um todo para a vida. Senão vejamos.

Segundo demonstrado neste estudo, o membro da célula não tem a oportunidade de uma formação continuada na fé para crescimento pessoal e para

formação integral, como é propiciada na Escola Bíblica da igreja tradicional e reformada. O plano de formação, focado no modelo de Ralph Neighbour Jr., é estanque, de modo que, em função de sua concepção, tende a reiniciar o processo de treinamento, usando os já capacitados para treinar os ingressos de novos convertidos. Nesse sentido, o referido modelo de ensino da Igreja em Células, disseminado pelo Ministério de Igreja em Células no Brasil, atua como instrumento de desconstrução da educação cristã de caráter continuado na fé, além de, com base em sua eclesiologia, descaracterizar a Escola Bíblica como instrumento da igreja para formação cristã de crianças, jovens e adultos. E, ainda, ao adotar uma metodologia de treinamento de líderes e discípulos, com foco no crescimento da igreja, por meio dos grupos pequenos, contrapõe-se à concepção pedagógica da Igreja Protestante de visão reformada de formação continuada na fé, de desenvolvimento cristão para a vida, restringindo os aspectos formativos da integralidade e da maturidade do ser humano.

Nesse sentido, abstrai da igreja a responsabilidade de educar para a vida, pois, como foi abordado neste trabalho, cabe a ela, em todas as épocas e situações, manter a instrução cristã concebida e ministrada por Cristo Jesus. De forma que, a concepção pedagógica da visão “bíblica de paideia” deve permear os programas educacionais das igrejas, com currículos integrados capazes de submeter o ser humano aos mistérios de Cristo e apresentá-lo perfeito, maduro e completo. Em tal processo, a Escola Bíblica assume um papel relevante, tornando-se a ferramenta de modelação e de construção do ser humano. Sua eficácia está na formação integral da pessoa para conduzi-la à maturidade, “à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13). O ensino cristão, por natureza, é contínuo e integral, para que se cumpra o propósito de Jesus de que seus seguidores sejam sal da terra e luz do mundo. Por isso, um modelo pedagógico de educação cristã, em qualquer âmbito, social, político ou institucional, não pode prescindir de uma estrutura de ensino-aprendizagem curricular que contemple a formação holística e continuada na fé e, ainda, convirja à maturidade do indivíduo no Reino e no mundo e ao bom relacionamento na sociedade hodierna. Qualquer atitude diferente dessa visão desconstrói o modelo ensinado por Jesus de educação para o Reino, para a Igreja, e para a criação.

Assim, com base no exposto, a igreja contemporânea necessita urgentemente resgatar a centralidade da Educação Cristã vivenciada pela Igreja Primitiva e, com novos olhares e novas perspectivas, retomar o ensino bíblico na visão teológica reformada de instrução para a formação continuada na fé. Downs nos ensina que “a igreja deveria progredir por meio da evangelização e da educação. Esses temas gêmeos são a parte essencial do ministério da igreja. Ambos são importantes para o crescimento e a saúde da igreja”.²⁰² E, por sua vez, as igrejas tradicionais emigrantes para o modelo da Igreja em Células precisam restaurar a proposta de concepção pedagógica à visão bíblica de Educação Cristã continuada na fé, como ferramenta de ensino e formação integral do indivíduo para uma vida madura. Porquanto, a visão de educação centrada na concepção pedagógica de instrução dos “trilhos” e “finais de semana” e/ou equivalentes, para formar discípulos e líderes, para o crescimento vegetativo da Igreja, contradiz a instrução de Jesus de apresentar a Deus uma Igreja perfeita, madura e completa, ou seja, integral.

De tudo isso, não se pode olvidar: (1) uma sociedade transformada e transformadora, liberta e libertadora só é possível com pessoas perfeitas, completas e maduras,²⁰³ em Jesus Cristo; (2) a educação cristã é para o mundo. Não está limitada à Igreja; (3) a Igreja é o meio de propagação desse instrumento de transformação de vida, personalidade e caráter do ser humano. Integralidade, continuidade e maturidade é a Educação Cristã.

²⁰² DOWNS, 2001, p. 33.

²⁰³ São virtudes aos olhos do ser humano. É um processo de formação contínua na fé e jamais alcançável neste mundo na totalidade, porém, desejável, árdua, e de permanente busca.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006..
- BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Cristianismo primitivo e a paideia grega*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vdletras2/gilda.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2008.
- BATISTA, Jôer Corrêa; SAHIUM, Leonardo; BATISTA, Jocider Corrêa. *G12: história e avaliação*. Goiânia: Seminário Presbiteriano Brasil Central – SPBC, 2000.
- BECKHAM, William A. *A segunda Reforma: a Igreja do Novo Testamento no século XXI*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2007.
- BERTAN, Levino; LIBERATI, Maria José. Educação e Informática. Disponível em: <<http://www.abmp.org.br/textos/148.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2010.
- BEZERRIL, Moisés C. *Igreja em células: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico*. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/igreja/igreja-celula-bezerril.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2008.
- BORGES, Inez Augusto. *Educação e personalidade: a dimensão sócio-histórica da educação cristã*. São Paulo: Mackenzie, 2002.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: EdUNESP, 1999.
- COMENIUS. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/comenius.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2009.
- COMISKEY, Joel. *Crescimento explosivo da Igreja em Células: levando seu grupo a crescer e multiplicar*. 3. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008.
- _____. *Multiplicando a liderança: preparando líderes para fazer a colheita*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2002.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2000.
- DOWNS, Perry G. *Ensino e crescimento: introdução à Educação Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].

FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*. Campinas: Luz para o caminho, 1990.

FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja cristã*. ed. rev. e atual. São Paulo: Vida, 2007.

IGREJA EM CÉLULAS. Disponível em: <<http://www.celular.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

LAY, Robert Michael. *O ano da transição: vamos mostrar como fazer*. Curitiba: Ministério Igreja em Célula no Brasil, 2005.

MACHADO, Nílson José. *Educação: projetos e valores*. 6. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

MANUAL do auxiliar de célula: o caminho para uma liderança bem-sucedida. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2004.

MATOS, Alderi Souza de. *Breve história do protestantismo no Brasil*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6994.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008a.

_____. *História do presbiterianismo*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7061.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008b.

_____. *O Colégio Protestante de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/10283.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008d.

_____. *Origens históricas do presbiterianismo*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7062.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008c.

_____. *Os presbiterianos e a educação*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/10243.html>>. Acesso em: 18 ago. 2008e.

METTE, Norbert. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NEIGHBOUR Jr., Ralph W. *Bem-vindo à família: um guia para sua jornada no Reino*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005.

_____. *Construindo pontes, abrindo corações: alcançando incrível tipo B*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2002.

_____. *Guia do discipulador: o ano de treinamento*. 2. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2004.

_____. *Manual do líder célula: fundamentação espiritual e prática para líderes de células*. 4. ed. Curitiba: Ministério da Igreja em Células, 2004.

_____. *Manual para uma vida bem-sucedida: iniciando a jornada*. 2. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005.

_____. *Roteiro para o seu ministério: mantendo seu crescimento*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005.

_____. *Tocando corações, um guia prático: alcançando incrível tipo A*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005.

NEIGHBOUR Jr., Ralph W.; EGLI, Jim. *Firmando o compromisso: entrando no Reino de Deus*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2005.

NICHOLS, Robert H. *História da Igreja Cristã*. 11. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

PAIDEIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paid%C3%A9ia>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

STRECK, Gisela I. W. *Adolescência e identidade: desafios educacionais em tempos de pós-modernidade*. In: KLEIN, Remi; WACHS, Manfredo C.; BRANDENBURG, Laude E. *IV Simpósio de Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.